



**SEMINÁRIO DE ARTICULAÇÃO
INTENSIVO . INTERNO**

**LABORATÓRIO URBANO
2022**

**SEMINÁRIO DE ARTICULAÇÃO INTENSIVO/INTERNO
DO LABORATÓRIO URBANO**

de 25 a 29 de abril de 2022

Faculdade de Arquitetura da UFBA . PPG-AU
Salvador . Bahia . Brasil

ORGANIZAÇÃO

Gábe Maria Pires

Lucas Lago

Marcos Britto

Rafael Luis Silva

PROJETO GRÁFICO

Igor Queiroz

Rafael Luis Silva

Rafaella Izeli



laboratório urbano



**SEMINÁRIO DE ARTICULAÇÃO
INTENSIVO . INTERNO**

**LABORATÓRIO URBANO
2022**

LABORATÓRIO URBANO . PPGAU . FAUFBA

COORDENAÇÃO GERAL

Paola Berenstein Jacques (PPG-AU/FAUFBA)

PROFESSORES

Cibele Saliba Rizek . IAU-USP . PPG-AU/FAUFBA

Dilton Lopes de Almeida Júnior . PPG-AU/FAUFBA

Fabiana Dultra Britto . PPGDança/UFBA

Francisco de Assis Costa . PPG-AU/FAUFBA

Luis Antonio de Souza . PPG-AU/FAUFBA . Urbanismo/UNEB

Margareth da Silva Pereira . PROURB/UFRJ . PPG-AU/FAUFBA

Paola Berenstein Jacques . PPG-AU/FAUFBA

Pasqualino Romano Magnavita . PPG-AU/FAUFBA

Washington Luís Lima Drummond . Pós-Crítica/UNEB

PÓS-DOUTORADO

Eliana Rosa de Queiroz Barbosa . UFRJ

Janaina Bechler

DOUTORADO

Agnes Cajaíba Viana

Ana Luiza Silva Freire

Cícero Menezes da Silva

Cinira Arruda d'Alva

Dilton Lopes de Almeida Júnior

Francisco Rocha Vasconcelos Neto

Marcos Vinícius Bohmer Britto

Marcos Olegário Pessoa Gondim de Matos [Gaió]

Igor Gonçalves Queiroz

Janaina Chavier Silva

Lucas Brito Lago

Rafaela Lino Izeli

Ramon Martins da Silva
Silvana Lamenha Lins Olivieri

MESTRADO

Eloisa Marçola Pereira de Freitas
Gábe Maria Pires dos Santos
Karla Regina Teles Andrade Coutinho
Lucas Maciel Araújo
Maria Eduarda Azevedo Teles de Paiva
Oswaldo Freitez Carrillo
Rafael Luis Simões Souza e Silva
Vinícius Rafael Viana Santos
Vivianne Carvalho do Bú

GRADUAÇÃO

Alyssa Volpini . IC Cronologia do Pensamento Urbanístico
Emilia Basilica . IC Cronologia do Pensamento Urbanístico
Janayna Silva . IC Cronologia do Pensamento Urbanístico
Júlia Dominguez . IC Cronologia do Pensamento Urbanístico
Leonardo Vieira . IC Cronologia do Pensamento Urbanístico
Nathan Bastos . IC Cronologia do Pensamento Urbanístico
Sophia Lluis . IC Cronologia do Pensamento Urbanístico
João Caribé . AT Cronologia do Pensamento Urbanístico

COLABORAÇÃO

Adele Sá Martins Belitardo
Daniel Sabóia Almeida Barreto

SEMINÁRIO DE ARTICULAÇÃO INTENSIVO/INTERNO

APRESENTAÇÃO

“É preciso resistir, criando!”

Pasqualino Magnavita

É com imensa alegria que o grupo de pesquisa Laboratório Urbano se reúne para a 8ª edição de seu Seminário de Articulação Intensivo/Interno. Reunir, reencontrar presencialmente! Após um longo período de isolamento pandêmico — que nos atravessou deixando tantas marcas, mudanças de trajetórias, perplexidades, distâncias e ausências —, temos a oportunidade de promover novamente o encontro frente a frente, corpo a corpo, nos reconectando, nos reconhecendo e nos redobrando uns nos outros.

O que vivemos nos últimos dois anos foi muito marcado pela crise — não apenas sanitária, mas também política —, e é notório o quanto este período tensionado pela pandemia do Covid-19 afetou tanto algumas pesquisas apresentadas neste seminário quanto os pesquisadores. A experiência do corpo nas ruas, a alteridade, a possibilidade de estar em campo, nos espaços de pesquisa, assim como nossos cotidianos, disponibilidades e espíritos; tudo isso foi afetado pelas dinâmicas deste “tempo em suspensão” e pelo risco que pairava no ar. Este seminário ocorre em um contexto de maior segurança, com a maioria da população vacinada, e seguindo os protocolos sanitários ainda necessários, como o uso de máscaras nos espaços da UFBA.

O Laboratório Urbano optou por não fazer o Seminário de Articulação Intensivo/Interno em 2021. Após o anterior, ocorrido em 2020 já em modo remoto por conta da pandemia, seguimos apenas com nossos encontros extensivos, sempre virtuais. E foram muitos os acontecimentos virtuais nesse período! Tivemos os lançamentos dos livros *“Fantasmas Modernos: montagem de uma outra herança, 1”* e *“Pensamentos Selvagens: montagem de uma outra herança, 2”* da professora Paola Jacques; o número 15 da Revista *Redobra* com o tema Insurgências Decoloniais;

o lançamento do “*Nebulosas do Pensamento Urbanístico: tomo III – Modos de Narrar*”; o XVI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo; dentre outros momentos como mesas redondas on-line, *lives*, disciplinas e defesas em modo remoto. Muito momentos diante da tela! Mais um motivo para nossa alegria de finalmente estarmos juntos no mesmo espaço.

No entanto, por conta da demanda de alguns pesquisadores do grupo que se encontram fora de Salvador, revisitaremos a virtualidade de outrora em duas mesas de apresentação de pesquisas individuais, que serão feitas em modo remoto. As demais mesas — presenciais! — também serão transmitidas on-line simultaneamente para os membros que não podem se fazer presentes no momento. Estão previstas quatorze mesas ao longo dos cinco dias do seminário. Além das pesquisas individuais, teremos uma mesa destinada às pesquisas coletivas. A mesa de encerramento contará com falas das professoras Margareth da Silva Pereira e Fabiana Dultra Britto. Todas as mesas terão relatores — o momento de apresentação das relatorias ocorrerá na primeira reunião extensiva do Laboratório Urbano após o seminário (dia 03/05/22). A ideia é a de que a partir deste nosso seminário — das novas trocas, articulações, estranhamentos e coafetações que produziremos coletivamente — o grupo possa planejar seus próximos passos.

É um ano especial o que temos pela frente! 2022 marca os vinte anos do nosso Laboratório Urbano. Este seminário foi organizado em meio a uma mobilização do grupo para dar forma a um livro que celebra esta ocasião — um pequeno léxico teórico-metodológico (para pensar cidades). Temos a felicidade também de, neste ano particularmente importante, contarmos com a presença da professora Margareth da Silva Pereira, que segue como professora visitante do nosso Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo; assim como temos a honra de receber a professora Cibele Saliba Rizek, Professora Titular do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP), que foi recentemente selecionada pela UFBA para contratação como Professora Visitante junto ao PPG-AU FAUFBA.

Para encerrar esta apresentação, a Comissão de Organização do Seminário de Articulação Intensivo/Interno — este ano composta por Gábe Maria Pires, Lucas Lago, Marcos Britto e Rafael Luis Silva — informa que incorporou algumas

demandas do grupo, como uma maior flexibilidade do tempo nas mesas propostas. Com a exceção da mesa das pesquisas coletivas (com três apresentações), cada mesa terá apenas duas apresentações de trabalhos. Podemos assim provocar uma conversa mais direta entre os dois trabalhos apresentados, com tempo mais flexível tanto para quem precisar falar um pouco mais, quanto para o debate logo a seguir. A Comissão optou também por jogar com o acaso na montagem das mesas. Os nomes foram sorteados, dando assim a oportunidade de fazermos relações mais improváveis com trabalhos que não costumamos aproximar. O seminário em outros anos já optou por fazer mesas por afinidades de tema. Desta vez, com o auxílio do acaso, podemos oportunizar outros diálogos.

E que venham novos diálogos! Inspirados pelas palavras que abriram este texto, que são do nosso querido professor Pasqualino Magnavita — que sempre nos convida a criar, e a deste modo resistir. Vamos juntos!

LABORATÓRIO URBANO

O Laboratório Urbano é um grupo de pesquisa cadastrado no CNPq desde 2002. O grupo integra as linhas de pesquisa “Processos Urbanos Contemporâneos” e “História da Cidade e do Urbanismo” do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (PPG-AU/FAUFBA), tendo como foco de pesquisa e estudos o Urbanismo Contemporâneo. No sentido de melhor compreender a complexidade da cidade contemporânea, o Laboratório Urbano investiga e propõe experiências metodológicas e propositivas a partir de três linhas de pesquisa articuladas entre si: *Apreensão crítica da cidade contemporânea*; *Estética, corpo e cidade*; e *Historiografia e pensamento urbanístico*.

LINHAS DE PESQUISA

APREENSÃO CRÍTICA DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Reúne estudos críticos à espetacularização urbana contemporânea que desviam pelas micro-resistências urbanas e outros modos não-planejados de apropriação do espaço urbano. Questiona-se o papel do arquiteto-urbanista assim como do campo disciplinar do urbanismo enquanto um saber/poder consensual. Várias categorias são assim tensionadas: formal/informal, planejado/não-planejado, projeto/cartografia etc, buscando-se uma abertura do campo do urbanismo através de outras possibilidades de compreensão e ação urbana como: o jogo, o profano, o opaco, o comum, o cotidiano, o micro, o processual, o movimento, o momentâneo, o errante etc. Seu objetivo geral é buscar outras formas de apreensão dos espaços urbanos/públicos contemporâneos.

ESTÉTICA, CORPO E CIDADE

Dirigida ao estudo das co-implicações entre corpo, cidade e estética. Pretende-se buscar a dimensão estética como forma de apreender e pensar a cidade. Estuda-se também as ações e experiências corporais e cotidianas no espaço público, em particular na rua, entendida como território instável. Os trabalhos artísticos são pensados como outra possibilidade de compreensão crítica dos conflitos e dissensos urbanos tendo por foco prioritário a escala do corpo em sua singularidade. Uma análise das práticas e ações cotidianas é feita na tentativa de se relacionar a construção de territórios urbanos e a construção de subjetividades. Seu objetivo geral é de, através das questões estéticas e/ou do corpo, problematizar as questões urbanas.

HISTORIOGRAFIA E PENSAMENTO URBANÍSTICO

Dedicada à pesquisa historiográfica, busca mapear as redes complexas que construíram e ainda constroem o pensamento urbanístico. Exercita-se uma teoria da história que, apesar de construir uma cronologia, suspeita da visão linear, contínua, evolucionista, icônica e fechada. A construção da *Cronologia do Pensamento Urbanístico* busca ser crítica e complexa, evitando-se um discurso pacificador dos processos históricos. Questiona-se a pertinência e/ou adequação do uso de noções como transferência, modelo e/ou influência e busca-se cartografar as resistências ao pensamento urbanístico hegemônico. Seu objetivo geral é contribuir para uma melhor compreensão da circulação das idéias urbanísticas.

PROGRAMAÇÃO

**SEMINÁRIO DE ARTICULAÇÃO
INTENSIVO/INTERNO
DO LABORATÓRIO URBANO**

de 25 a 29 de abril de 2022
Edição presencial / remota
UFBA / PPG-AU

14h . Mesa 3
(Maria Eduarda + Ana Luiza)
14:40h . Debate Mesa 3
15:20h . Mesa 4
(Adele + Karla)
16h–16h30 . Debate Mesa 4

**[SEGUNDA-FEIRA] – TARDE
25.04.2022 . 14H–16H30**

9:30h . Mesa 7
(Rafaela + Rafael)
10:10h . Debate Mesa 7
10:50h . Mesa 8
(Oswaldo + Leonardo)
11:30h–12h . Debate Mesa 8

**[QUARTA-FEIRA] – MANHÃ
27.04.2022 . 9H30–12H**

MESAS REMOTAS
9:30h . Mesa 1
(Cícero + Francisco)
10:10h . Debate Mesa 1
10:50h . Mesa 2
(Marcos Britto + Lucas Lago)
11:30h–12h . Debate Mesa 2

**[SEGUNDA-FEIRA] – MANHÃ
25.04.2022 . 9H30–12H**

9:30h . Mesa 5
(Eloisa + Igor)
10:10h . Debate Mesa 5
10:50h . Mesa 6
(Ramon + Julia)
11:30h–12h . Debate Mesa 6

**[TERÇA-FEIRA] – MANHÃ
26.04.2022 . 9H30–12H**

14h . Mesa 9
(Gábe + Dilton)
14:40h . Debate Mesa 9
15:20h . Mesa 10
(Alyssa + Silvana)
16h–16h30 . Debate Mesa 10

**[QUARTA-FEIRA] – TARDE
27.04.2022 . 14H–16H30**

PESQUISAS COLETIVAS

14h . Mesa 11

(Cronologia +
Arquivo +
Desbunde)

15h–15h30 . Debate Mesa 11

(QUINTA-FEIRA) – TARDE

28.04.2022 . 14H–15H30

9:30h . Mesa 12

(Eliana + Marcos [Gaió])

10:10h . Debate Mesa 12

10:50h . Mesa 13

(Cinira + Lucas Maciel)

11:30h–12h . Debate Mesa 13

(SEXTA-FEIRA) – MANHÃ

29.04.2022 . 9H30–12H

(SEXTA-FEIRA) – TARDE

29.04.2022 . 14H–15H30

MESA DE ENCERRAMENTO

(Fabiana + Margareth)

SEGUNDA-FEIRA . 25.04.2022 . 9H30–12H

9:30H . APRESENTAÇÕES PESQUISAS INDIVIDUAIS . MESA 1 (REMOTA)

Relatoria: Marcos Britto

O supliciado, o executado, o revoltoso: três proscritos em uma cidade impossível

Cícero Menezes da Silva | p. 28

Pedagogia do Canteiro: A via sursis do corpo no aprendizado de Arquitetura e Urbanismo

Francisco Rocha Vasconcelos Neto | p. 31

10:10H . DEBATE . MESA 1

10:40 . Intervalo (10min)

10:50H . APRESENTAÇÕES PESQUISAS INDIVIDUAIS . MESA 2 (REMOTA)

Relatoria: Ramon Martins

[Sem título]

Marcos Vinícius Bohmer Britto | p. 35

Em busca da cidade perdida: Desaparecimentos, sobrevivências e memórias urbanas

Lucas Brito Lago | p. 37

11:30H – 12H . DEBATE . MESA 2

14H . APRESENTAÇÕES PESQUISAS INDIVIDUAIS . MESA 3

Relatoria: Dilton Lopes

Homens caranguejos, mangue e cidade

Maria Eduarda Azevedo | p. 41

Ruínas do futuro

Ana Luiza Silva Freire | p. 46

14:40H . DEBATE . MESA 3

15:10 . Intervalo (10min)

SEGUNDA-FEIRA . 25.04.2022 . 14H-16H30

15:20H . APRESENTAÇÕES PESQUISAS INDIVIDUAIS . MESA 4

Relatoria: Lucas Maciel

Atrás do Trio Elétrico: Carnaval e Urbanismo em Salvador

Adele Sá Martins Belitardo | p. 51

Memórias de uma Remoção: A história da Vila Mesquita, do bairro Laranjeiras (RJ), contada através do teatro de rua

Karla Regina Teles Andrade Coutinho | p. 56

16H – 16:30H . DEBATE . MESA 4

TERÇA-FEIRA . 26.04.2022 . 9H30-12H

9:30H . APRESENTAÇÕES PESQUISAS INDIVIDUAIS . MESA 5

Relatoria: Maria Eduarda Azevedo

Cidade, Tom Zé, canção

Eloisa Marçola Pereira de Freitas | p. 61

Imaginação e recreação infantil: Relações entre ideário político, política e prática urbanística no Brasil entre 1930–1960

Igor Gonçalves Queiroz | p. 66

10:10H . DEBATE . MESA 5

10:40 . Intervalo (10min)

10:50H . APRESENTAÇÕES PESQUISAS INDIVIDUAIS . MESA 6

Relatoria: Eloisa Marçola

Por uma nova vida moderna: a Bauhaus e as políticas do corpo útil

Ramon Martins da Silva | p. 69

Corpo-arquivo: como me habito?

Júlia Dominguez da Silva | p. 76

11:30H – 12H . DEBATE . MESA 6

QUARTA-FEIRA . 27.04.2022 . 9H30-12H

9:30H . APRESENTAÇÕES PESQUISAS INDIVIDUAIS . MESA 7

Relatoria: Júlia Dominguez

Imagem, imaginação, experiência: relações entre o físico e o virtual na orla da Barra, Salvador

Rafaela Lino Izeli | p. 78

Narrar as cidades através dos quadrinhos: pensar/imaginar entre arranjos, intervalos, palavras e imagens

Rafael Luis Simões Souza e Silva | p. 82

10:10H . DEBATE . MESA 7

10:40 . Intervalo (10min)

10:50H . APRESENTAÇÕES PESQUISAS INDIVIDUAIS . MESA 8

Relatoria: Rafael Luis Silva

Los silencios de los mapas, personajes ausentes: ensayo cartográfico sobre las movilidades en la pandemia

Oswaldo Freitez Carrillo | p. 88

ALMANAQUE ALMANAQUE

Leonardo Vieira de Souza | p. 92

11:30H – 12H . DEBATE . MESA 8

QUARTA-FEIRA . 27.04.2022 . 14H-16H30

14H . APRESENTAÇÕES PESQUISAS INDIVIDUAIS . MESA 9

Relatoria: Cinira d'Alva

Corpografias urbanas em performance: Performance como categoria analítica da ação evocadora da experiência urbana

Gábe Maria Pires dos Santos | p. 97

A taba contemporânea de Brasília: imagem, cidade e paisagem através das Exposições Internacionais entre 1922 e 1972

Dilton Lopes de Almeida Júnior | p. 101

14:40H . DEBATE . MESA 9

15:10 . Intervalo (10min)

15:20H . APRESENTAÇÕES PESQUISAS INDIVIDUAIS . MESA 10

Relatoria: Ana Luiza Freire

Montando o Ferro's Bar: o direito à Memória Lésbica no Brasil

Alyssa Volpini Lustosa | p. 106

Guerra de mundos na cidade

Silvana Lamenha Lins Olivieri | p. 107

16H – 16:30H . DEBATE . MESA 10

QUINTA-FEIRA . 28.04.2022 . 14H-15H30

14H . APRESENTAÇÕES PESQUISAS COLETIVAS . MESA 11

Relatoria: Karla Coutinho

Cronologia do pensamento urbanístico: 20 anos

p. 20

Arquivo Laboratório Urbano

p. 22

Cidade, corpo, canção: cinco anos entre os bárbaros [1972-79]

p. 24

15H – 15:30H . DEBATE . MESA 11

9:30H . APRESENTAÇÕES PESQUISAS INDIVIDUAIS . MESA 12

Relatoria: Adele Belitardo

Habitando valores universais — cotidiano, resistências e permanências nos sítios Patrimônio Cultural Mundial UNESCO

Eliana Rosa de Queiroz Barbosa | p. 111

Rodelas e a máquina do tempo: a contenção como desvio memorial no São Francisco

Marcos [Gaió] Matos | p. 116

10:10H . DEBATE . MESA 12

10:40 . Intervalo (10min)

10:50H . APRESENTAÇÕES PESQUISAS INDIVIDUAIS . MESA 13

Relatoria: Rafaela Izeli

O profissional sem nome: caminhante, coletor e cartógrafo. Amante

Cinira Arruda d'Alva | p. 118

[Sem título]

Lucas Maciel Araújo | p. 120

11:30H – 12H . DEBATE . MESA 13

SEXTA-FEIRA . 29.04.2022 . 14H-15H30

14H . MESA DE ENCERRAMENTO . MESA 14

Relatoria: Eliana Queiroz

Continuidades

Fabiana Dultra Britto

Margareth da Silva Pereira

14H50 – 15H30 . DEBATE . MESA 14



PESQUISAS COLETIVAS

CRONOLOGIA DO PENSAMENTO URBANÍSTICO:

20 anos

[UFBA, UFRJ, UnB, UFMG, UNICAMP, USP, UFRGS, UNEB]

Equipe UFBA:

Coordenadores: Paola Berenstein Jacques

Dilton Lopes de Almeida Júnior

Participantes: Alyssa Volpini, Ana Luiza Freire, Emilia Basilica, Igor Queiroz, Júlia Dominguez, Leonardo Vieira, Nathan Bastos, Rafaela Izeli, Ramon Martins, Sòphía Lluís e João Caribé (apoio técnico)

Equipe UFRJ:

Coordenadora: Margareth da Silva Pereira

A pesquisa e sua plataforma on-line, Cronologia do Pensamento Urbanístico, tem como objetivo divulgar e articular resultados de pesquisas sobre urbanismo, visando contribuir para uma construção teórica-metodológica mais complexa da história do urbanismo. A proposta repousa na hipótese que, mesmo após mais de cinco décadas de crítica às formas funcionalistas de intervir nas cidades, ainda é necessária uma desconstrução de epistemologias hegemônicas, com objetivo de dotar as práticas urbanísticas de maior reflexividade quanto aos seus próprios gestos.

A pesquisa trabalha no momento a partir de dois focos interligados:

1. alimentação do banco de dados, manutenção e divulgação de nossa plataforma on-line: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br> ;
2. consolidação da rede de colaboração interinstitucional transnacional das oito equipes nacionais da pesquisa – UFBA, UFRJ, UnB, UFMG, UNICAMP, USP,

PESQUISAS COLETIVAS

UFRGS, UNEB –, com realização de oficinas, seminários e publicações coletivas.

Em 2023, a plataforma on-line comemora 20 anos de existência. Uma série de atividades, publicações e eventos comemorativos ocorrerão ao longo do ano de modo a fomentar o debate em torno do impacto da pesquisa ao longo desses anos e dos seus desdobramentos futuros. Para comemoração dos 20 anos implementaremos na plataforma online toda uma nova infraestrutura de moderação e de inserção de verbetes com modificações importantes que gerarão impactos nos modos de visualização e tratamento de dados.

ARQUIVO LABORATÓRIO URBANO

Coordenadora: Janaina Bechler

Participantes: Marcos Britto, Oswaldo Freitez, Rafael Luis Silva, Vivianne do Bú, Agnes Cajaíba, Francisco Rocha, Lucas Maciel, Maria Eduarda Azevedo, Eliana Queiroz e Gábe Maria Pires

A pesquisa coletiva Arquivo_Laboratório Urbano iniciou em 2015 com a proposta de fazer dobras no arquivo da produção do próprio grupo - suas publicações, pesquisas, eventos gravados, narrados, transcritos - em uma perspectiva de gerar memória, acúmulo, e também atualização de temas, ideias, conceitos, que (re) apareciam no grupo, a cada ano, com novos integrantes. Depois de uma pausa, em 2017 a Pesquisa Arquivo definiu duas linhas para dobrar esse arquivo, ou para constituir um arquivo dessa pesquisa: os conceitos de “Experiência Urbana” e “Produção de Narrativas Urbanas”. Definiu também um método, que já estava desde o princípio esboçado: fragmentação e montagem dos fragmentos, como duas etapas, acreditando que essa maneira de relacionar os elementos presentes na produção desse grupo poderia gerar novas construções de pensamento, que ajudassem a problematizar o campo disciplinar do urbanismo e da história das cidades, tensionando formas de narração da experiência urbana. Como procedimento, a pesquisa queria aproximar-se da prática do colecionador, ou do catador, tão caras aos teóricos Aby Warburg e Walter Benjamin. Benjamin tinha um projeto de historiografia calcado no colecionismo, cujo ato descontextualiza os objetos para inseri-los em novas ordens, as quais serão montadas a cada vez, por cada “tempo presente”; por outro lado, era inspirado na figura do catador, que se volta para o esquecido, o considerado inútil. Esse material fragmentário coletado devia ser reunido segundo o princípio da montagem, montagem literária conforme ele nomeou: “como o alegorista-colecionador barroco, ele se volta para o pequeno e aparentemente sem importância para construir seu painel móvel do século XIX. Este é o cerne da ética da apresentação haurida por Benjamin” (SELIGMANN-SILVA, M. 2010 p 62).

PESQUISAS COLETIVAS

Durante o período de leituras e produção da fragmentação desse material, que organizamos em uma tabela, percebemos um movimento temporal que conduziu a pesquisa a um entendimento do arquivo entorno de conceitos que chamamos de marcadores: Corpo - da criação do grupo até 2012, surgimento nele da pesquisa PRONEM -Experiências metodológicas para a compreensão da cidade contemporânea, Experiência - 2012 – 2014 - período da pesquisa do PRONEM; Narrativa - 2014 em diante - foco surgindo já durante a produção do material oriundo da pesquisa PRONEM, e que foi ganhando força até o momento atual do Laboratório Urbano.

Durante 2019 e 2020 nos concentramos em estudar conceitos de arquivo e esses estudos, e algumas interlocuções pontuais com Washington Drummond, dispararam uma discussão sobre nossa própria metodologia e a necessidade de uma delimitação para a pesquisa. Fizemos então uma pequena incursão no primeiro ano da revista Redobra e o primeiro Corpocidade a partir de alguns conceitos, tentando entender como apareciam na época e como sobreviveram nas discussões do grupo, eram eles: espetacularização, dobra, imaterialidade, corpo. Apesar de inicial, consideramos muito estimulante essa maneira de pensar-fazer, que encontrou no trabalho para o pequeno léxico uma forma de continuar.

Nos anos entre 2021 e 2022, a pesquisa arquivo teve um significativo aumento de seus integrantes, o que viabilizou uma ampliação das possibilidades de atuação da pesquisa. Dentre as tantas tarefas realizadas, destacamos a condução de uma sequência de entrevistas com membros atuais e egressos do Laboratório Urbano, para comporem o documentário do aniversário dos 20 anos do grupo.

NOTAS

1. SELIGMANN-SILVA, M. A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CIDADE, CORPO, CANÇÃO:

cinco anos entre os bárbaros [1972–79]

[UFBA, UNEB, USP, UFRJ]

Equipe UFBA:

Coordenadora: Paola Berenstein Jacques

Participantes: Dilton Lopes, Eliana Barbosa, Eloisa Marçola, Fabiana Dultra Britto, Guilherme Bertissolo, Karla Coutinho, Lucas Lago, Marcos Britto, Rafaela Izeli e Silvana Olivieri

De que modo as cidades, seus espaços públicos, e os corpos das pessoas que os habitam, usam, praticam e atravessam, são transformados e ativados pela arte? Nos anos 1970, após o encerramento do ciclo histórico dos movimentos artísticos surgidos na década anterior, e durante o período de maior repressão imposto pela ditadura civil-militar que tomou de assalto o país, práticas e ações de re-existência surgiam e se afirmavam à contrapelo, baseadas na exposição libertária dos corpos nas cidades.

Esse projeto se centra na década de 1970, e focaliza o diálogo entre as artes no Brasil – com ênfase na música popular, na canção –, a emergente afirmação cultural figurada nos corpos, e as dramáticas transformação urbanas em nossas cidades, com foco especial na tríade Salvador - Rio de Janeiro - São Paulo. A canção como elo (berro?) articulador entre os corpos rebeldes e as cidades militarizadas. Nossas balizas cronológicas são cinco anos entre duas viagens (“back in Bahia”): o retorno de Caetano e Gil do exílio londrino em 1972, como início do processo em estudo, e a viagem dos mesmos artistas, acompanhados de muitos outros, a Lagos (Nigéria), em 1977, para o Festival de Arte e Cultura Africana ali realizado, como desfecho desses anos “bárbaros”.

Uma plataforma on-line da pesquisa, para disponibilização pública do material

PESQUISAS COLETIVAS

produzido, está sendo construída: <http://www.desbunde.ufba.br/>



PESQUISAS INDIVIDUAIS

Cícero Menezes da Silva

Doutorado

Orientador: Pasqualino Magnavita

Coorientador: Washington Drummond

Ano de ingresso: 2017

Linha de pesquisa: Estética, corpo e cidade

O SUPPLICADO, O EXECUTADO, O REVOLTOSO:

Três proscritos em uma cidade impossível

A proscricção é uma categoria penal milenar e, com ela, Nietzsche colocou todos aqueles que hoje se empenham em pensar a república e até mesmo a própria democracia em maus lençóis: dado o imperativo atual em prol do “credor” ou da acumulação, supor que ante às mais diversas organizações sociais contemporâneas alguém ainda seja castigado, banido ou proscrito simplesmente por “inadimplência” ou por não prover nenhum acúmulo, à primeira vista, pode parecer inverossímil ou no mínimo algo duvidoso. O constatável é no entanto justo o contrário, sobretudo se nos vertermos ao regime urbano das proscricções. O que as cidades contemporâneas nos dão a ver é esta crueldade por toda parte, a cada canto, mas principalmente nas porções que ainda não sucumbiram ao fracionamento condominial do solo. Seja como for, os proscritos ainda estão por aí. Quanto mais humana, quanto mais acumuladora, mais e mais uma sociedade pode tolerá-los, mais e mais ela pode incluir excluindo, pois a medida mesma de sua riqueza está justamente vinculada ao prejuízo que pode suportar.

Nesta sociedade tanto mais indulgente quanto mais acumuladora cujo arauto e membro mais solene é o *homem de bem*, os proscritos são, sobretudo, aqueles a quem, sem ir muito além do senso comum, Bauman caracterizou como

PESQUISAS INDIVIDUAIS

supérfluos – não desempregados, mas supérfluos. Motivado pelo claro juízo de uma humanidade hiperbólica, o que ele tacitamente propõe não é nada mais que uma dilatação do fundo piramidal atrelado à máscara da compaixão; uma dissuasão que inclui excluindo, a “inclusão social”. É justamente nesse ínterim que desponta o seu clamor em prol da sobrevivência alheia, em prol de uma sub-vida um tanto menos indigna; mas ainda uma sub-vida. A parassubordinação ou a precarização do trabalho, em seu horizonte humanista, não devia ser lá assim uma solução anódina tão ruim frente à gélida realidade. Mas não nos enganemos diante de seu otimismo social e tampouco da indulgência social que o fomenta, pois a superfluidade antes de tudo se trata de um estigma, e hoje assim imputáveis são aqueles na melhor das hipóteses relegados ao “emprego precarizado”. Privados de utilidade formal, sequer chegam a ocupar uma posição de classe legítima; não passam de semi-incluídos. Apartados apenas por uma linha tênue daqueles já sentenciados à prisão, mesmo além das grades, através das ruas, não raro são também identificados como excluídos terminais, expelidos assim até mesmo para fora do fundo piramidal das hierarquias sociais. Ainda que sem cometer qualquer delito, é assim que acabam frequentemente criminalizados. Desalentados ou no máximo precarizados, supérfluos, afinal, sujeitos antissociais e por isso mesmo criminalizáveis, os quais, ao serem taxados indiferentemente entre si, tal como os motoboys e ainda entre eles, legiões e legiões de deserdados, fruem as cidades sob uma ameaça teratológica, uma ameaça análoga àquela das vítimas ainda hoje condenadas ou até mesmo outrora consagradas.

Nesse limiar entre o desalento e a precarização, despontam então os motoboys, esses proscritos singulares, não de fato desalentados, embora à beira do desalento, assim frequentemente jugulados. Percorrem as ruas como os ancípites e além do mais, são ao mesmo tempo sujeitos e objetos da velocidade, pois as exigências insanas e cada vez mais desumanas das plataformas digitais especializadas no ramo de delivery (*iFood, Rappi, Uber Eats, 99 Food, ...*) é o que exponencializa entre eles uma já recorrente “prática camicase”. Superposta ou mesmo sobreposta, coextensiva à “cidade dos eleitos”, a “terra sem lei” que nestas condições eles adentram é a “cidade de ninguém”, uma extensão urbana estrangeira, invisível, silenciosa, porque pouco discernível e que, por frações de tempo indeterminadas, os motoboys no mínimo já a frequentam ou por ela pervagam: trata-se da “cidade

dos proscritos”. Uma vez aí, basta um atraso e a indulgência social é então interdita: eis que sobrevém a hostilidade por parte do próprio *homem de bem* – às vezes uma injúria, às vezes uma facada (este foi justo o caso de Dos Santos¹) –, eis que sobrevém a hostilidade por parte da polícia – por vezes disparos à queima roupa (este foi justo o caso de Fernandes²) –, eis que sobrevém ainda a hostilidade por parte das plataformas digitais no ramo de delivery.

É nesse ínterim que a escrita da tese se desenvolve, tendo como protagonista três diferentes motoboys: um motoboy supliciado, um motoboy executado, um motoboy revoltoso; todos eles, em maior ou menor medida, numa relação iminente com a morte. Na escrita da tese, a proposta é lidar com esse extremo da vida dos motoboys, partindo de fatos verídicos, mas tomando a liberdade de desviar-se deles, de fabulá-los no intuito de fazer emergir uma espécie de microcosmo urbano caracterizado como a “cidade dos proscritos”. Trata-se de três biografias fabuladas enquanto um modo de se fabular a própria cidade, de três biografias fabuladas como um modo de olhar para fora e coincidir o pensamento com uma realidade insubordinável, de três biografias fabuladas enquanto campos experimentais do pensamento para a contestação do pensamento dominante sobre a cidade.

NOTAS

1. CARLA, Daniela. Motoboy esfaqueado após demora em entrega de pizza recebe alta e depõe em delegacia, no ES. *GI*, 31 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2020/03/31/motoboy-esfaqueado-apos-demora-em-entrega-de-pizza-recebe-alta-e-depoe-em-delegacia-no-es.ghml>>. Acesso em: 03 de abr. de 2020.
2. Vídeo mostra PM fora de controle matando homem em supermercado. *GI*, 21 de mai. de 2015. <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/05/video-mostra-pm-fora-de-controle-matando-homem-em-supermercado.html>>. Acesso em: 03 de abr. de 2020.

Francisco Rocha Vasconcelos Neto

Doutorado

Orientadora: Margareth da Silva Pereira

Ano de ingresso: 2021

Pesquisa Coletiva: Arquivo Laboratório Urbano

Linhas de pesquisa: Estética, corpo e cidade

PEDAGOGIA DO CANTEIRO:

a via sursis do corpo no aprendizado de Arquitetura e Urbanismo

O Trabalho propõe uma investigação nas estruturas de ensino e aprendizagem da arquitetura, entre outras, objetivando se o uso das artes do corpo como estímulo sensível, associado às estratégias pedagógicas de canteiro e das práticas de deslocamentos, podem se constituir em instrumento de formação do corpo-arquiteto, e dispositivo de combate ao analfabetismo funcional sensitivo em aprendizados de arquitetura e urbanismo.

O debate sobre o entendimento da arquitetura para além de suas funções de abrigo ou de sua dimensão técnica, científica, humanística foi permeado ao longo da história deixando à margem dos fundamentos teóricos, a importância dos sentidos humanos. Mas o assunto sempre esteve presente ao longo da História da Humanidade, e a partir da segunda metade do século XX, ganha aportes, sobretudo com o foco no pensamento sensível e simbólico e no uso do corpo humano como instrumento e dispositivo para produção de conhecimento.

A preocupação com déficits que vão desde da aprendizagem em disciplinas de projeto de arquitetura à alarmantes índices da autoconstrução no país, que podem se reverter em perdas desde a qualidade compositiva espacial, passando pelas

questões técnicas, e alcançando a construção de consciências sociais, tem se configurado como um sinal sobre a qualidade da formação do arquiteto e urbanista no Brasil e do papel da função social da arquitetura, e vem se constituindo há muito, num foco de ações e publicações de diversas entidades ligadas ao ensino da arquitetura no país.

“O ensino institucional da arquitetura no Brasil é considerado insatisfatório de forma quase consensual. Tem sido objeto de inúmeras e continuadas reformulações em sua curta história de pouco mais de seis décadas, sem, contudo, se obter maiores avanços... A partir da hipótese de que o problema do ensino da arquitetura, é na realidade, problema do ensino de projeto, analisa-se o conflito conceitual e organizacional entre o ateliê, considerado locus privilegiado para o ensino de projeto e a estrutura disciplinar em que está inserido. Este conflito estaria aparentemente na raiz da persistência do problema do ensino do projeto, apesar das sucessivas reformulações...” (NARUTO, 2006 p.05).

Numa leitura rápida em projetos pedagógicos atuais, nota-se que o uso de práticas de deslocamentos e das artes do corpo, assim como às práticas do canteiro, ainda não é uma realidade no cotidiano de grande parte das escolas de arquitetura, contribuindo para o que se pode denominar de “analfabetismo funcional” e que este projeto pretende denominar de “analfabetismo funcional sensitivo” em face de, ao mesmo tempo, também se observar uma lacuna em disciplinas que se dediquem ao estímulo sensível, tais como são as artes do corpo.

O acesso a mecanismos de estímulos e acionamento do dispositivo da sensibilidade e a processos criativos em disciplinas de projeto, via campos do conhecimento externos a arquitetura, tem um histórico que se alarga hoje pela neurociência, mas que se consolidou desde o passado nas experiências de Rudolf Laban e da Bauhaus alemã. O tema antecedido à Bauhaus pela Vkhutemas-Construtivismo Russo pós revolução de 1917 e Deutscher Werkbund, e precedido a ela, pelas sucessivas experiências de pedagogias radicais em arquitetura, segundo Radical Pedagogies (2014), são exemplos de experiências de construção de projetos pedagógicos de cursos de arquitetura no Brasil e no exterior. Porém, o uso da sensibilidade e da criatividade em vias externas à arquitetura, pouco têm sido presentes nas práticas de ensino e aprendizagem no país.

PESQUISAS INDIVIDUAIS

As atividades práticas, deslocamentos, assim como as artes do corpo, são reconhecidos atributos essenciais para assimilação do conhecimento. O aprender fazendo como experiência pedagógica, tem promovido integração desde a filosofia na corrente da fenomenologia, o teatro pro Augusto Boal, a educação por Paulo Freire e a Antroposofia de Rudolf Steiner, com a arquitetura através de grupos como Arquitetura Nova, Tibá -, e cotejando diversos laboratórios de habitação em escolas de arquitetura no Brasil, em especial o da UNICAMP e, enfim, por toda uma rede de ativismo como o Usina-CTAH, Atelier Vivo os movimentos de Bioarquitetura e Design build em Arquitetura e também movimentos ativistas do corpo como os situacionistas, o grupo stalker entre outros, porém têm sido utilizados de maneira secundária ou ainda ignorados no panorama geral da formação do arquiteto e urbanista no Brasil.

Daí que este projeto de doutoramento se insere nesse universo de conhecimento.

A relevância da investigação sobre o tema se manifesta por:

- 1) Contribuir para os aprendizados das novas gerações de arquitetos.
- 2) Possibilitar a investigação e abordagem sobre a pertinência do campo do sensível e das práticas pedagógicas de deslocamentos e de canteiros de obras para efetivação da formação de arquitetos no Brasil.
- 3) Permitir o incremento e a melhoria nas abordagens de reflexões dos projetos pedagógicos de escolas emergentes de arquitetura e das ações metodológicas de grupos ativistas ligados às praticas de canteiros de obras.
- 4) Ampliar o debate e atuação sobre o papel social do arquiteto e às alternativas para aproximação da profissão com a sociedade.
- 5) Contribuir para reflexões e postura nas ações de ocupações emergenciais de espaços na cidade.
- 6) Aproveitar a transdisciplinaridade que caracteriza o Programa de Pós graduação em Arquitetura e Urbanismo, para investigação e acréscimo de conteúdos a serem adotados no desenvolvimento de metodologias de trabalho.

Objetivo Geral:

Investigar se projetos pedagógicos e ações metodológicas de grupos ativistas ligados as artes do corpo e às práticas de canteiro de obras e às práticas de deslocamentos, podem contribuir para a formação do arquiteto e urbanista.

Objetivos Específicos:

1) Caracterizar o que identifica a organização e forma de trabalho dos projetos pedagógicos e das ações metodológicas em escolas e grupos ativistas;

2) Investigar pesquisas que apontem a efetividade das práticas do sensível para os resultados das práticas projetuais;

3) Identificar e extrair posturas metodológicas que possam ser aplicadas no ensino;

4) Registrar de forma investigativa e observadora ações de intervenção e momentos de reflexão metodológica de grupos ativistas contrapondo análises críticas dos produtos elaborados;

5) Estabelecer critérios auxiliares e complementares às metodologias estudadas e observadas, para efetivação das reflexões e possíveis usos futuros como ferramenta de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Arquitetura e Urbanismo. Design Build. Pedagogia. Sensibilidade. Artes do Corpo.

Marcos Vinícius Bohmer Britto

Doutorado

Orientador: Luiz Antônio de Souza

Coorientadora: Paola Berenstein Jacques

Ano de ingresso: 2019

Pesquisas Coletivas: Arquivo Laboratório Urbano;

Cidade, Corpo, Canção

Linha de pesquisa: Historiografia e pensamento urbanístico

[SEM TÍTULO]

Tudo que é físico tem uma forma. Tudo que tem forma, se coafeta no tempo. Tudo que se coafeta no tempo, se transforma. A busca por uma perspectiva de tempo e espaço por meio de Goethe (2019) e Coccia (2020) resulta num entendimento da definição de Morfologia como um processo de domesticação de formas sucessivas, mas também de formas simultâneas. Cada objeto – vivo ou não – é, foi e será em si mesmo uma pluralidade de formas dentro do seu próprio processo de metamorfose. No entanto, cada uma dessas formas não existe de maneira autônoma, individual, separada, pois cada qual se define na relação com as outras, num movimento constante. Tudo que está formado, será logo transformado novamente. A Morfologia Urbana, por outro lado, determina que o tempo da cidade é o tempo dos ciclos de desenvolvimento, tempo da periodicidade da criação e adaptação das formas físicas construídas pelo homem. Uma dupla domesticação! A busca por outras relações espaço-temporais aponta para fora do campo, estendendo as possibilidades para além das limitações impostas pelos métodos analíticos que o campo da Morfologia Urbana constituiu. Após uma crítica à noção de tempo, forma e conteúdo na morfologia urbana, se trará a proposição de leituras da relação

espaço-temporal na cidade através do atravessamento de um romance de Clarice Lispector (1925-1977), *A cidade sitiada*, publicada em 1949 (2019) e uma música de Gilberto Gil, *Expresso 2222* (1972).

REFERÊNCIAS

COCCIA, Emanuele. *Metamorfoses*. Rio de Janeiro: Editora Dantes, 2020.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. *A metamorfose das plantas*. Tradução, apresentação e notas de Fábio Mascarenhas Nolasco. – São Paulo: Edipro, 2019.

GIL, Gilberto. *Expresso 2222*. Rio de Janeiro: Philip Records. 1972. Min 2:38

LISPECTOR, Clarice. *A cidade sitiada*. Rocco Digital, 2019.

Lucas Brito Lago

Doutorado

Orientadora: Paola Berenstein Jacques

Ano de ingresso: 2022

Pesquisa Coletiva: Cidade, Corpo, Canção

Linha de pesquisa: Estética, corpo e cidade

EM BUSCA DA CIDADE PERDIDA:

Desaparecimentos, sobrevivências e memórias urbanas

No ano de 1987 o jornalista Euclides da Cunha descreveu o vilarejo de Canudos como uma “cidade selvagem” (p. 149). O autor destacou o modo de ocupação do território como um processo “primitivo” e “bárbaro” de urbanização, sinalizando o crescimento em velocidade acelerada, que cada vez atraía mais moradores insubmissos às regras da então recém instaurada república, dispostos a criar uma cidade sem pátria. O primeiro desaparecimento de Canudos se deu no final do século XIX, quando, no contexto da Guerra de Canudos, a cidade foi arrasada e boa parte dos seus habitantes foram dizimados pelo exército brasileiro. O segundo desaparecimento ocorreu em meados do século XX, em decorrência da construção de uma barragem que faria submergir o vilarejo re-construído pelos seus habitantes (COSTA, 2017). Não é apenas coincidência notar que a primeira destruição de Canudos, em decorrência da guerra, ocorre de maneira concomitante ao contexto de modernização das cidades brasileiras no final do século XIX e, na segunda destruição, o açude atinge a sua primeira cheia (que submerge toda a cidade reconstruída) um ano antes da Inauguração de Brasília (COSTA, 2017).

Considerando a condição discreta e (quase) esquecida das cidades perdidas de

Canudos - cidades essas interrompidas em seus plenos processos de formação - é possível tomá-las como uma espécie de fantasma que pode assombrar diversos tempos da história, tal qual o próprio Urbanismo enquanto disciplina moderna, sobretudo as concepções que orientam as suas práticas e os modos de intervenção sobre o território. Os sucessivos eventos de desaparecimento nos oferecem uma especial perspectiva para pensarmos: o que acontece com as memórias das cidades após o seu desaparecimento? Como as memórias dos espaços urbanos destruídos ou desaparecidos incidem em outros tempos? O historiador da arte alemão Aby Warburg demonstrou o papel fundamental das *sobrevivências* na dinâmica do pensamento ocidental, sugerindo esta noção como forma de agenciamento da memória (DIDI-HUBERMAN, 2011). A ideia de *sobrevivência* (*Nachleben*) pode ser apreendida como aquilo que insiste em aparecer como um lampejo, como matéria fantasmática, a despeito das condições de seu tempo, mesmo após o seu completo desaparecimento.

Nesse sentido, as *sobrevivências* urbanas podem ser agenciadas a partir da compreensão daquilo que insiste em aparecer, em determinadas configurações de afetos, como *pathosformel*, as formas intensivas que atravessam as paredes da história. Trata-se, portanto, de reconhecer uma modulação específica de memória, que não se circunscreve à dimensão individual e nem mesmo à coletiva, tal como a conhecemos. A imagem de uma “cidade selvagem” em devir, como essa cidade perdida, primordial, que se manifesta a partir de vestígios e lampejos no presente, nos indica uma pista da vinculação entre tempos distintos, operantes em certa condição imanente do próprio território. Não seria essa “cidade selvagem”, tal como Canudos, uma fórmula de afeto que atravessa os tempos e fricciona determinadas racionalidades operantes? Haveria, portanto, uma condição mnemônica e involuntária, uma cidade perdida que se manifesta a despeito das suas condições de existência.

Na monumental coletânea intitulada “Em busca do tempo perdido” (2017), o escritor francês Marcel Proust alerta para um tipo específico de memória das sensações que não seria recobrada através do esforço consciente e dependeria de uma circunstância ou de uma contingência específica para se manifestar. Uma memória involuntária que se manifesta independente da vontade do sujeito e não pertence necessariamente a este (PY in: PROUST, 2017). É essa memória

PESQUISAS INDIVIDUAIS

involuntária que seria possível ser acionada pela famosa *madeleine*, que faria o narrador não só recordar-se de momentos afins da sua infância distante, como também acessar todo um espírito da cidade de Combray de uma outra época. Uma espécie de sensação do tempo de outrora que a *madeleine* era capaz de trazer à tona: “naquele instante dava-se o reencontro do Tempo e o passado se recuperava” (PY in PROUST, p. 13). Essa memória involuntária estava, de alguma maneira, vinculada a um Tempo perdido, “tempo que não existe mais em nós, mas continua a viver oculto num sabor, numa flor, numa árvore, num calçamento irregular ou nas torres de uma igreja etc.” (idem).

Outra coletânea, agora de ensaios, publicados na Folha de S. Paulo, entre 1956 e 1958 pelo arquiteto e artista brasileiro Flávio de Carvalho (1899-1973), e com título sugestivamente próximo ao de Proust, também indica um modo singular de se relacionar com o tempo e a memória. Nas “Notas para a reconstrução de um mundo perdido”, Flávio de Carvalho procura pôr em discussão a possibilidade de acessar certa condição mnemônica em que o corpo e o ambiente não se estabeleciam de modo separado. Para isso, tensiona a compreensão linear do tempo e sugere uma forma de compreendê-lo a partir do “acúmulo de camadas”, sinalizando-nos a possibilidade de uma compreensão temporal complexa, em que certo mundo perdido estaria a exercer alguma força sobre nós. Os modos de acessar o passado, a partir dessa concepção, se daria (assim como em Proust) a partir de certos vestígios com alta carga de sugestibilidade, que guardariam em si certa animosidade capaz de provocar os sentidos do sujeito a partir da relação e do contato (CARVALHO, 2005).

O impulso que reconhecemos tanto em Proust quanto em Carvalho de como lidar com as memórias involuntárias e tal condição mnemônica do tempo é o que tomamos como ignição desta pesquisa. Como reconhecer as *sobrevivências* urbanas? Como é possível acessá-las e as manusear? Ou ainda: como agenciar as condições para a sua emergência situada, apagar as luzes para vislumbrar os seus lampejos? Nessa direção, propomos um processo de investigação que se dobre sobre si mesmo e também constitua-se como seu próprio objeto, inquirindo as formas de fazer e de pensar. Os desaparecimentos, as submersões, as suspensões e os intervalos são, decerto, lugares privilegiados de lançar o olhar. Os vestígios de cidades-devir-selvagem, como Canudos, nos sugerem pistas desta cidade perdida.

Cidade esta que é ao mesmo tempo várias e uma só, encantada no tempo e desmaterializada do espaço, que de tempos em tempos insiste em aparecer.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Flávio de. *Os Ossos do mundo*. São Paulo: Antiqua, 2005 [1936].

COSTA, Carla. *Cronologia resumida da Guerra de Canudos*. Rio de Janeiro: Museu da República. IMBRAM/MINC, 2017.

CUNHA, Euclides Rodrigues Pimenta da. *Os sertões: campanha de canudos*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

DA MATA, Larissa Costa. II - *Genealogia e primitivismo no mundo perdido brasileiro: o mundo perdido de Flávio de Carvalho*. 2013. [Transcrição da série Os gatos de Roma / Notas para a reconstrução de um mundo perdido] Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. (Tradução de Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido vl.1*. [tradução: Fernando Py. Nova Fronteira - Rio de Janeiro, 2017.

Maria Eduarda Azevedo Teles de Paiva

Mestrado

Orientadora: Margareth da Silva Pereira

Ano de ingresso: 2021

Pesquisa Coletiva: Arquivo Laboratório Urbano

Linhas de pesquisa: Estética, corpo e cidade

HOMENS CARANGUEJO, MANGUE E CIDADE

Não há, pois, a menor dúvida, que tôda esta terra que hoje flutua à flor das águas, na baía entulhada do Recife foi uma criação dos mangues. Os mangues vieram com os rios, e com os materiais por êstes trazidos foram os mangues laboriosamente construindo seu próprio solo, batendo-se em luta constante contra o mar. Vieram como se fôssem tropas de ocupação e, ao contato com o mar, edificaram, silenciosa e progressivamente, esta imensa baixada aluvional hoje cortada por inúmeros braços d 'água dos rios e densamente povoada de homens e caranguejos, seus habitantes e seus adoradores. (CASTRO, J. Homens e Caranguejos. 1967)

No início do século XX, a cidade do Recife se pretendia moderna. Em um período de grande agitação cultural e política, ela se anunciava aos que chegavam do alto de prédios asseados na Praça Rio branco, o Marco Zero da cidade, que continha em si uma ambição cosmopolita de uma cidade portuária monumental. Um viajante desavisado pode se maravilhar ao ouvir as palavras que vem do alto desses prédios, que descrevem Recife como uma cidade “*tecida na claridade (...) lendária e heróica cidade, plantada à beira-mar*”¹. Nomes, símbolos e gestos que articulam disputas entre uma cidade conceito e uma cidade corporificada (CERTEAU, 1994)

[1980]). Essa cidade, tem data e história, e podemos entrar nela através de seus nomes. Recife é a “Veneza Pernambucana”, “Paris do Nordeste”², nomes de outros lugares, cidades européias que foram de forte influência na construção de uma narrativa estética higienista da cidade Recife.

Recife ainda também é “Leão do Norte”³, expressão que contém o leão, animal de qualidades majestosas, e o norte que trazia uma das primeiras noções de nordeste. A força das palavras e expressões que alcunham as qualidades da cidade são fortes, construindo um senso identitário de uma Recife que partia de um projeto de higienização e padronização de práticas que sorrateiramente denunciavam e reprimiram manifestações e histórias que também fazem parte da nebulosa que é Recife (PEREIRA, 2021).

Se quisermos considerar a complexidade da produção de Recife como cidade de muitas cores, sons, texturas e cheiros, é necessário considerar que ela se forma em um campo movediço, atravessada por rios labirínticos, o Capibaribe e Beberibe, na qual Josué de Castro chamou a atenção. Pernambucano, escritor e poeta, não deixava de ser sociólogo. Entre 1933 e 1937, Castro escreveu diversos contos que, destacando aqui o conto “Cidade”, onde ele começa a elaborar uma narrativa de cidade para uma recife que se descobre “reflexo confuso da fusão violenta de várias expressões culturais”, e o conto o “Ciclo do caranguejo” onde ele já deixa claro um pensamento que desloca a interpretação das relações entre os seres vivos e a cidade, entre natureza e cultura a partir do mangue, dos sertões e das periferias das cidades. Em 1967, após ter publicado uma série de livros que abordavam o tema da fome através da relação do homem com o território, ele publica um romance, ficção da vida real, onde ele mostra uma cidade que se ergue em um terreno que não é nem terroso, nem aquoso, é uma “mistura incerta de terra e água”, que quando comprimida “escorre como uma lama” (CASTRO, 1967. p. 16). É nessa lama que nasce uma cidade paralela e difusa onde os “Homens Caranguejos”, título do romance, habitam. Esses homens, não nascem literalmente da lama, são povos retirantes, que em um movimento de busca por alimento fogem da seca do sertão, e no mangue encontram possibilidade de vida e existência:

“(...) o povo daí vive de pegar caranguejos, chupar-lhe as patas, comer e lamber os seus cascos até que fiquem limpos como um

copo. E com a sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e a carne do corpo de seus filhos. (...) O que o organismo rejeita, volta como detrito, para a lama do mangue, para virar caranguejo outra vez.” (CASTRO, J. “O ciclo do caranguejo” in “Documentário do Nordeste”. 1933.)

Corpo de carne de caranguejo, que faz corpo de homem, que volta a ser caranguejo, onde a voz que orienta é a voz da maré e do mangue. Recife, muito antes de ser a Recife importada, tem suas bases um território anfíbio, formado por raízes flutuantes e labirintos de lama. A hipótese é que esse ambiente difuso e simbiótico entre natureza e cidade, cidade e mangue cria uma condição propícia para a produção de um outro regime de interação de corpos, que encontra nas frestas espaço para fazer seus vestígios sobreviverem.

Ainda que Josué de Castro precedesse há muito os debates atuais sobre relações de outros seres vivos com o corpo do homem, com a natureza na cidade e suas afetações na produção do território⁴, ele sem saber, alçava combustível para um pensamento que veio insurgir como manifestação cultural mais tarde nos anos 90, o manguebeat. Lançado com o “Manifesto dos Caranguejos com Cérebro” no encarte do disco “Da lama ao caos”, em 1994, de Chico Science faz uma referência direta à obra de Castro. Chico denuncia a fragilidade de uma metrópole que nega suas ausências incorporando o passado através de um grito afirmativo que parte de uma visão atenta a experiências de cidade aparentemente contraditórias, mas que juntas são uma potência de uma alteridade outra: a experiência do mangue em simbiose com o caos da cidade. Chico Science invoca a partir do que ele chama de “revolução cultural musical” uma cidade de temperamento forte e corporalidades pulsantes que se expressam pelos seus *rios pontes e overdrives, e impressionantes estruturas de lama*⁵.

Parto do interesse em explorar como o mangue produz essas corporalidades que afetam a construção de um pensamento urbano historiográfico de Recife. O homem caranguejo nos ajuda a compreender os processos urbanos contemporâneos e mostrar uma alternativa a uma cidade que parte de um pensamento racionalista científico que reduz o corpo como um organismo mecânico, e que objetifica a natureza como uma espacialidade a serviço do homem.

Com o desejo de ampliar o repertório das narrativas de cidade que evocam mundos férteis e considerando a relevância das relações multi específicas na produção cidade a níveis materiais, simbólicos e biológicos, busca-se fomentar um debate atento a outros regimes de interação de corpos, atento às contradições, disputas e tensões que se dão nessa mistura. Estamos falando de levar a sério uma história dos corpos em relação com a natureza na produção de cidades. Se trata de, como diz Fabiana Britto, desenvolver um: “reconhecimento da cidade como um ambiente de existência do corpo, que tanto promove quanto está implicada nos processos interativos geradores de sentido implica reconhecê-la como fator de continuidade da própria corporalidade de seus habitantes” (BRITTO, 2008).

NOTAS

1. Trecho do “Hino do Recife”, instituído pela Lei Municipal no 108, de 10 de junho de 1924. Escrito por Manoel Arão, intelectual nascido em 1876 no sertão do Pajeú no interior de Pernambuco, em Afogados de Ingazeira, filho do Capitão José Matheus Coimbra Campos e da Senhora Francisca Joaquina de Oliveira Campos. Os mesmos foram sócios e fundadores do “Club Litterário” instalado na pequena Villa de Afogados, em Outubro de 1880. Esse ambiente de criação tornou possível Manoel Arão ter uma trajetória marcante: escritor, poeta, jornalista, advogado, membro da Academia Pernambucana de Letras e da Fundação Joaquim Nabuco, conhecido como jornalista polêmico do Diário de Pernambuco. Um homem de muitos títulos e com uma atuação política influente, participando também da maçonaria.
2. Disponível em: https://web.archive.org/web/20130522082701/http://www.intg.org.br/teste/afortunado/olivo/pdf_dividid/o/terceira-parte/IX.RECIFEAPARISDONORDESTE84.pdf.
3. Leão do Norte é uma expressão que se origina na figura de armas do antigo capitão-donatário da Capitania de Pernambuco Duarte Coelho, português, em alusão à criação de uma imagem de coragem e espírito combativo do povo pernambucano. Entretanto, após a expulsão dos holandeses na segunda Batalha dos Guararapes de Recife (1654), muitos portugueses começaram a ocupar o Recife o que se sucedeu no Regime Imperial Portugues.
4. Vale olhar mais atrás de onde pensamento da filosofia da natureza surge como uma crítica simultânea à um pensamento racional científico em relação ao corpo. Na atualidade, o debate

PESQUISAS INDIVIDUAIS

vem sendo atualizado por pensadores como Donna Haraway, Emanuele Coccia, Bruno Latour, Isabelle Stengers, Lynn Margulis, Ailton Krenak. Essas são algumas das referências de pensadores contemporâneos que tem como problema a relação do corpo como natureza em interação e disputa com outros seres vivos em uma construção transversal de narrativas e histórias que ampliam a noção de ambiente/território/cidade.

5. Trecho da música *Da Lama Ao Caos*, lançada no disco da “Nação Zumbi”, com letra de Chico Science em 1994. Esse disco foi de forte influência cultural nos anos 90 e até hoje. Disco denúncia, que aponta para a fragilidade da cidade moderna. O movimento mangubeat, cunhado no manifesto publicado no encarte do mesmo disco, “Manifesto dos Caranguejos com Cérebro”, resgata o cidadão híbrido, que se desloca em uma zona difusa, entre a lama e o caos; mangu e cidade, conversando com a sabedoria popular do manguê.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Josué de. *Homens e Caranguejos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- CASTRO, Josué de. “Ciclo do Caranguejo”, 1933 in “*Documentário do Nordeste*”. 3a ed. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1965
- CASTRO, Josué de. “Cidade”, 1933 in “*Documentário do Nordeste*”. 3a ed. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1965
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano I: as artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. Vera Casa Nova e Márica Arbex. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.
- JACQUES; BRITTO. *Cenografias e Corpografia Urbanas: um diálogo sobre as relações entre o corpo e cidade*. Cadernos PPG-AU/UFBA Vol. 7, edição especial (2008) - Paisagens do Corpo
- PEREIRA, Margareth da Silva. Dos conceitos de cidade ou pequeno manifesto em favor de objetos múltiplos, indecisos e fluídos. In: *SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO*, 10., 2008, Recife. Anais do X SHCU. Recife: MDU/UFPE, 2008.
- PEREIRA, Margareth da Silva. “Pensar por nebulosas” in “*Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo I – modos de pensar*” / Paola Berenstein Jacques, Margareth da Silva Pereira (organizadoras). – Salvador: EDUFBA, 2018.

Ana Luitza Silva Freire

Doutorado

Orientadora: Paola Berenstein Jacques

Ano de ingresso: 2019

Pesquisa Coletiva: Cronologia do Pensamento Urbanístico

Linhas de pesquisa: Apreciação crítica da cidade contemporânea

RUÍNAS DO FUTURO

Vapor barato
Um mero serviço
Do narcotráfico
Foi encontrado na ruína
De uma escola em construção
Aqui tudo parece
Que era ainda construção
E já é ruína
Tudo é menino, menina
No olho da rua
O asfalto, a ponte, o viaduto
Ganindo prá lua
Nada continua

“O Brasil é um grande construtor de ruínas.
O Brasil constrói ruínas em dimensões continentais”.

(Eliane Brum, 2019, p.116)

*(Trecho de “Fora da Ordem”,
de Caetano Veloso, presente no
álbum Circuladô de 1991).*

PESQUISAS INDIVIDUAIS

Por alguns anos, um anjo azul despedaçado permaneceu abandonado ao acaso em uma praça central do bairro de Ponta Negra, em Natal (RN). Anteriormente ao seu despedaçamento, esse anjo de grandes proporções e um azul aguado foi um conhecido e uma referência para as pessoas da cidade. No entanto, foi necessário removê-lo de seu local de origem, ainda que fosse esperado que ele continuasse a ser o mesmo imponente ícone urbano na sua próxima localização. Após algumas especulações sobre o seu destino, uma associação de moradores do bairro supracitado conseguiu que o poder público desmontasse o anjo e o levasse de sua casa original - uma galeria de arte privada - para uma das praças públicas do conjunto Alagamar. O anjo, sem o financiamento necessário à sua remontagem, ali permaneceu como um conjunto de detritos.

As enormes mãos, pernas e cabeça do anjo, deterioradas pelo abandono e espalhadas em meio a terra batida e as árvores de praça, parecem ter sucumbido à mesma tempestade que arrastou o anjo da história de Walter Benjamin 80 anos atrás. Na praça potiguar, o anjo mesmo foi engolido pela catástrofe “que acumula ruína sobre ruína e as dispersa em nossos pés” (BENJAMIN, W. [1940] 1994), e tornou-se, dessa forma, “um monumento construído pela ação e inércia de todos os cidadãos” (BAUCHWITZ, S. s.d.).



Ao seguir a principal via litorânea próxima à praça do anjo caído, sentido norte, vê-se despontar, entre luxuosos hotéis à beira-mar encobertos pelo desnível praiano, um esqueleto de concreto que avança verticalmente à paisagem, entre o mar e as dunas. Embargada desde 2004, a obra do que seria o “Hotel BRA” foi iniciada já irregularmente, pois sua licença de construção estava vencida dez anos antes do lançamento de suas primeiras fundações. Do primeiro embargo até a atualidade,

acumularam-se junto aos processos judiciais e projetos de adequação da obra à legislação vigente, a ferrugem do concreto armado e um processo erosão costeira junto ao esqueleto do hotel.



Como as imagens de pensamento de Benjamin, tomo neste trabalho o anjo caído e o esqueleto arruinado como os primeiros rastros que me permitem pensar a cidade contemporânea e suas ruínas para além da reflexão dual entre materialidade e temporalidade. Ao mirar esses rastros através do anjo de Klee visto por Benjamin e revisto à luz de certa forma material, plástica e/ou estética da cidade na atualidade — as ruínas — busco vislumbrar um programa ético-político de produção urbana próprio de determinada temporalidade.

Escolho o intervalo temporal dos anos de 2002 até 2016 como recorte temporal para situar esta pesquisa — o período do “neodesenvolvimentismo”. Esse, por sua vez, descreve o tipo de agenda política e conseqüentemente de modelo de cidade que foi fomentado durante os recentes governos nacionais de centro-esquerda. Um dos eixos basilares desse projeto neodesenvolvimentista foi o estímulo ao crescimento do capital da construção civil, o que ocorreu com a implantação de programas como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Hoje, sabe-se que esse “modelo de cidade estimulado também pelo projeto neodesenvolvimentista se assenta no estímulo ao “concreto armado” e tem aguçado a exclusão social nas cidades médias e grandes, com as operações de “limpezas sociais” e o encarecimento da moradia, bem como no espaço mesmo da realização do capital. Aqui temos um verdadeiro desprezo pelas históricas elaborações e contribuições do Movimento pela Reforma Urbana” (SILVA, 2014, p.193), historicamente associado aos partidos de esquerda.

Nesse sentido, busco vislumbrar reflexões a partir de ruínas como a do Hotel BRA

PESQUISAS INDIVIDUAIS

às questões como: Como as ruínas de empreendimentos imobiliários abandonados contribuem para a apreensão do projeto político de cidade contemporânea brasileira? E em que medida as imagens e representações dessa cidade, produzidas pelo mercado e pela arte, podem ser entrepostas a materialidade dos empreendimentos arruinados de modo a nos fazer vislumbrar as promessas de futuro do passado de uma agenda de desenvolvimento urbano?

REFERÊNCIAS

Anjo azul pede passagem - 13/04/2011 - Notícia - Tribuna do Norte. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/anjo-azul-pede-passagem/178431>>. Acesso em: 13 abr. 2022.

BAUCHWITZ, S. *Monumento ao futuro*. Disponível em: <<https://www.sofiabauchwitz.com/Monumento-ao-Futuro>>.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. *Obras Escolhidas I Magia e Técnica Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, W. *Imagens de pensamento*: Sobre o haxixe e outras drogas. Autêntica, 2014.

BRESSER-PEREIRA, L. C. Estado desenvolvimentista, nacionalismo e liberalismo. In: *REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIÊNCIA POLÍTICA*, 2012, Gramado, Anais eletrônicos...Gramado, 2012. Disponível em: <[\(bresserpereira.org.br\)](372-Estado-Desenvovimentista-Nacionalismo-Liberalismo-ex-Lilian)> . Acesso em: 13 de abril de 2022.

BRUM, E. *Brasil, construtor de ruínas*: um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019.

SILVA, David Wallace Cavalcante da. *O capital da construção civil no contexto do neodesenvolvimentismo e as teias das relações perigosas na estratégia do novo bloco de poder hegemônico no Brasil*. 2014. Tese (Doutorado em Serviço Social) Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/14056>>. Acesso em 13 de abril de 2022.

REIS, T. F. B. DOS. *Via Costeira sempre viva*: uma proposta de reestruturação urbana para

a ZET-2 e seu entorno. Orientadora: Ruth Maria da Costa Ataíde. 2014. TFG (Graduação). Curso de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/36842>>. Acesso em 13 de abril de 2022.

Adele Sá Martins Belitardo

Mestrado (PPGAU-FAUUSP)

Orientador: José Tavares Correia de Lira

Ano de ingresso: 2020

Pesquisas Coletivas: Cronologia do Pensamento Urbanístico;

Cidade, Corpo, Canção

Linhas de pesquisa: Estética, corpo e cidade /

Historiografia e pensamento urbanístico

ATRÁS DO TRIO ELÉTRICO:

carnaval e urbanismo em Salvador

Eu, aparentemente o primeiro a ver, perguntei aos amigos próximos o que seria aquela forma cônica branca que aparecia por trás do vértice da balastrada, no ponto mais baixo da praça, que é onde ela se encontra com o ponto mais alto da ladeira da Montanha. Não imaginávamos que pudesse ser um trio elétrico - eles não entram na praça por ali e não o fazem em silêncio. Houve uma movimentação para identificar o objeto. Parecia um avião pondo o bico no ângulo da ladeira. Era o caminhão do trio elétrico Tapajós que se apresentava em forma de foguete espacial [...] CAETANAVE. O gosto tão tropicalista pelos trocadilhos, retomado assim pela graça ingênua de pessoas do povo da Bahia, me tocou [...] Embaixo, na rua, eu via pela primeira vez a multidão do Carnaval de uma distância que revelava sua força e seu mistério. (VELOSO, 2017, p.455)

Foram a nota chic do carnaval. Durante os três dias consagrados a Momo, rua acima, rua abaixo, via-se a extensa fila de automóveis. À noite, o aspecto *[sic]* era deslumbrante na Avenida Sete, bem iluminada *[sic]*, onde o trânsito nos três dias fez-se com dificuldade *[sic]* [...]. Dentre o elevado número de automóveis que tomaram parte no corso ante-hontem *[sic]*, lembramos-nos dos seguintes: Henrique Lanat, de magnífico efeito *[sic]*, à noite [...] que costuma, nos carnavais bahianos *[sic]* atrair para seu automóvel as atenções todas por suas originalíssimas excellências *[sic]*, desta vez com um recamo de phantasia *[sic]* e de luzes, com um apparato *[sic]* singular, que deslumbrou. Foi uma das mais lindas notas do anno *[sic]* ... (O CORSO..., 1920).

Quando despontamos na avenida, acabamos com o corso, pois vinha atrás de nós uma massa compacta de gente que pulava e se divertia como nunca antes ocorrera na Bahia. Nossa emoção era enorme; mais de 200 metros de povo atrás da fobica. O dado pitoresco dessa história foi que quando subíamos a Rua Chile, ao passar da Praça Castro Alves, pedi ao motorista, um amigo nosso, que parasse o carro para tocarmos ali, onde o espaço é mais amplo [...] então ele respondeu que já havia tempo a fobica estava quebrada, havia queimado o disco de embreagem, estava sem freio e com o motor desligado. O carro andava empurrado pelo povo. Este fato ilustra bem como essa maneira de se brincar ao som do Trio Elétrico, de segui-lo, é coisa mesmo do povo, não foi ninguém que orientou ou disse como fazer. (GÓES, 1982, p.19).

A pesquisa de mestrado aqui apresentada propõe pensar a relação entre festa e cidade, mais especificamente entre carnaval e Salvador, Bahia, se estruturando a partir de três pontos de inflexão temporais: nas décadas de 1920, 1950 e 1970; períodos que parecem adensar inúmeras discussões e transformações importantes que atravessaram essas duas dimensões da vida na cidade, tanto aquela do urbano quanto do carnaval. O fio condutor da pesquisa é o trio elétrico, criado na capital baiana em 1951, e abordado aqui em suas implicações técnicas, estéticas e urbanas, especialmente para pensarmos as transformações

PESQUISAS INDIVIDUAIS

reverberadas pelo objeto automóvel no espaço físico e usos socio-culturais da cidade.

Os três pontos de inflexão elencados para a pesquisa, para além de episódios isolados que não pretendem ser narrados sob uma estrutura cronológica-linear, funcionam como disparadores de questões, inseridos num panorama mais amplo e elástico. São eles: 1) em 1920, o desfile pelo curso empreendido pelo industrial Henrique Lanat e sua família, com seu automóvel que chamou a atenção do público com suas fantasias e luzes; 2) em 1951, a criação do trio elétrico pela “Dupla Elétrica” Adolfo Nascimento, “Dodô”, e Osmar Macedo, elemento “com dimensões de uma verdadeira revolução” (MIGUEZ, 1996, p. 87) que irá transformar profundamente as bases do carnaval baiano; 3) em 1972, o desfile da CAETANAVE, trio elétrico criado por Orlando Tapajós em homenagem à volta do exílio de Caetano Veloso e Gilberto Gil, no contexto da ditadura militar.

Ouvindo a música “Atrás do Trio Elétrico”, de 1969, de autoria de Caetano Veloso, que intitula essa pesquisa, somos capazes de perceber a heterogeneidade de vozes e outros ruídos que atravessam a musicalidade da guitarra, numa multiplicidade de sons e acontecimentos que se dão no espaço da rua, durante o carnaval, atrás do trio. Nesse sentido, o trio elétrico, para além de sua dimensão de objeto físico, e mesmo simbólico, é entendido enquanto adensador de outras discussões e transformações consideradas fundamentais para a pesquisa, seja no que diz respeito à concepção e apropriação das ruas, seja quanto às relações corporais entre espaço e corpo e em suas mediações técnicas; abrindo possibilidades narrativas que lançam luzes sobre a complexidade das relações entre festa e cidade, carnaval e Salvador, nos períodos referenciados.

Entendemos que, ao apropriar-se da cidade, em suas muitas possibilidades, o carnaval a transforma “num movimento próprio [...] onde o mundo urbano fica demarcado para o carnaval” (DAMATTA, 1997, p.115), que lhe concede outros usos que, muitas vezes, transgridem suas atividades habituais. Nesse sentido, essas transgressões carnavalescas entram em conflito com modos outros de produção da cidade, sendo tensionadoras do urbanismo em muitas de suas práticas e discursos hegemônicos, e também em seu caráter disciplinador do espaço. Argumentamos que o carnaval, ao mesmo tempo em que desordena determinadas práticas de cidade, profanando uma determinada ordenação urbanística hegemônica ao dela se apropriar e “abrir possibilidades [...] para se] fazer um uso particular” (AGAMBEN, 2007, p.66); também se apropria de espaços e elementos modernos caros à esses períodos históricos, ocasionalmente se inserindo ou estabelecendo

certas lógicas dominantes para si que, muita vezes, acabaram invisibilizando e silenciando outras manifestações.

Não se pretende, com a pesquisa, esgotar as discussões acerca de nenhum dos temas ou períodos referenciados, numa narrativa hermética e totalizante que tente dar conta de qualquer completude, seja ela da cidade ou do carnaval. Mais do que oferecer respostas, propomos, a partir deles e ao inseri-los numa conjuntura mais ampla de acontecimentos, lançar luzes sobre outros modos de fazer urbanismo, experimentando outras possibilidades de narrar a história da cidade e do carnaval em Salvador, de caráter mais livre e ensaístico, partindo desse entrecruzamento de questões que tensionam as narrativas históricas dominantes em torno dos temas. Ademais, ao privilegiar uma abordagem que propõe evidenciar as complexas tramas de relações que constituem as práticas de carnaval e cidade nesses momentos, também nos permitimos pensar e vislumbrar os diálogos, tensões, sobrevivências, trânsitos e rupturas entre essas temporalidades.

Apesar do considerável número de publicações sobre a história urbana de Salvador, sobretudo no campo do planejamento urbano, quanto de publicações sobre o tema do carnaval, majoritariamente de cunho sociológico ou econômico, verifica-se uma brecha no que concerne às relações entre uma coisa e outra, em meio à complexidade da cultura urbana. Ao abordarmos a cidade enquanto um lugar de experimentação, um produto cultural em constante transformação, entendemos que a cultura urbana “permite uma compreensão mais complexa e integral tanto da cidade como da própria cultura” (GORELIK, PEIXOTO, 2019, p.17). Desconfiamos que, no desafio de pensar por nebulosas (PEREIRA, 2018), ao friccionar essas diferentes camadas numa malha de acontecimentos mais ampla pode-se fazer emergir tanto fissuras no domínio de um urbanismo ordenador das cidades modernas, como fragilidades de uma festa que se pretende como inversora temporária da normalidade e cotidianidade da vida urbana.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de*

PESQUISAS INDIVIDUAIS

François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2010.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GÓES, Fred. *O País do Carnaval Elétrico*. Salvador: Corrupio, 1982.

GORELIK, Adrián; PEIXOTO, Fernanda Arêas (Org). *Cidades sul-americanas como arenas culturais*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

JACQUES, Paola. *Estética da Ginga*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

MIGUEZ, Paulo. *Carnaval Baiano: as tramas da alegria e a teia de negócios*. 1996. 237f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

O CORSO e as serpentinhas. *Bahia Illustrada*, Salvador, fev. 1920.

PEREIRA, Margareth. Pensar por Nebulosas. In: JACQUES, Paola; PEREIRA, Margareth (Org.). *Nebulosas do pensamento urbanístico*. Salvador: Edufba, 2018.

VELOSO, Caetano. *Verdade Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Karla Regina Teles Andrade Coutinho

Mestrado

Orientadora: Margareth da Silva Pereira

Ano de ingresso: 2022

Pesquisa Coletiva: Cidade, Corpo, Canção

Linhas de pesquisa: Historiografia e pensamento urbanístico

MEMÓRIAS DE UMA REMOÇÃO:

a história de Vila Mesquita, do bairro Laranjeiras (RJ),
contada através do teatro de rua



Fonte: Montagem realizada pela autora a partir de
imagens de periódicos da época estudada

PESQUISAS INDIVIDUAIS

“Na parte dos fundos da minha casa já existe até um buraco na parede, cavado pelos operários do novo viaduto da Via Paralela. Os operários conversam com a gente, fizemos amizade, mas parece que seus patrões estão fazendo força para a obra prosseguir em poucos dias, e tudo aqui virá abaixo. Afinal de contas, é um ano de eleições, e os políticos querem mostrar viadutos, pontes e novas ruas, doa a quem doer.”¹

A história do Rio de Janeiro é marcada por grandes transformações urbanas que corroboraram com o aumento da exclusão social, através da legitimação de propostas de reestruturação de espaços urbanos com cunho higienista e por meio de remoções e políticas segregacionistas. Além disso, desapropriações e remoções possuem uma geografia baseada num processo milimétrico de desconstrução de direitos e de abertura de uma área da cidade como nova fronteira de expansão do mercado imobiliário. Para além desse mercado, a cidade também se abre para a passagem de vias, túneis, viadutos, obras públicas em prol da mobilidade e integração de áreas urbanas, ou seja, barreiras físicas que comprometem a vida urbana que ali existia, desconfigurando-a ou, até mesmo, extinguindo-a.

O tema “remoções”, cada vez que é resgatado e debatido, traz consigo muitos casos com desastrosos fins, marcando a história do país, e outros temas, com a mesma gravidade, arquivados e apagados da memória nacional. Apenas com um minucioso trabalho de levantamento documental e resgate da memória das vítimas que sofreram o processo ou acompanharam de perto essas remoções torna-se possível desarquivar esses acontecimentos. Centenas de moradores foram desabrigados no ano de 1982 no bairro de Laranjeiras, Zona Sul do Rio de Janeiro, para a passagem de um viaduto no local. Vilas e casas configuravam uma antiga malha naquela região do bairro. Nessa época, o governador Antônio de Pádua Chagas Freitas e o prefeito Júlio Coutinho tinham em mãos o projeto de uma via, paralela à Rua das Laranjeiras, com a intenção de “descongestionar”² o trânsito desta última. A via iria se chamar Via Paralela, mas de todo o projeto, apenas uma parte foi construída: o atual Viaduto Jardel Filho. Moravam na região afetada pessoas, em sua maioria, da classe trabalhadora, contrastando com a predominância de pessoas da classe média e média alta no restante do bairro. A Vila Mesquita, localizada nessa região e

objeto principal de estudo, foi morada durante décadas de pessoas humildes e que sofreram com o processo de remoção, como minha avó e seus dois filhos (minha mãe e meu tio). É necessário enfatizar a importância de enxergar a história dos conflitos do bairro e, de um modo geral, da cidade, através, também, da memória de pessoas excluídas e marginalizadas do sistema hegemônico - habitantes das zonas opacas da cidade. Ao mesmo tempo, é importante a desnaturalização do espaço arquitetônico e urbano construído, pois, o espaço, uma vez naturalizado, resulta em uma sociedade alienada a todos os processos históricos que influenciaram na sua configuração. Portanto, diante da grande repercussão e comoção que foi o processo de remoção e do seu posterior apagamento da história hegemônica, compreende-se a importância de se tornar público esse acontecimento através da narrativa artística e acessível do teatro de rua, o qual é capaz de proporcionar a conscientização, a participação e não passividade do público presente e, ao mesmo tempo a desnaturalização da imagem consolidada de Laranjeiras.

“Quem imaginava que um dia o espaço, onde dezenas de famílias habitavam durante anos, iria simplesmente sumir? O Estado imaginava, mas os que movimentavam e preenchiam aquele lugar com histórias, não. Mas, por que temos que sair?
De onde vem essa obra?
Para onde vamos, agora?
Quem mandou?
Quem disse? Eu não acredito...
Olhe à sua volta. Olhe. Sabe aquela casa? Não vai mais existir... Sabe aquela vizinha? Não morará mais ali. E aquele galo no telhado, o que faz?
Ele tem medo de sair daqui.
E as crianças? E os idosos? Calma... respira...
Não!
Não há tempo para respirar. Nossas vidas estão ameaçadas, não temos muito tempo. Temos que lutar por ele, mas o mais importante é lutar por nossas casas! Não queremos nos separar! Não temos para onde ir! É tudo culpa...
É tudo culpa do governo!!!
Eles não enxergam a gente!

PESQUISAS INDIVIDUAIS

Pobre, senhor, é poeira nas mãos deles.

- Fulana! Tá sabendo? Vamos ter que sair daqui?

- Mas é? Como assim sair? Deixa de besteira mulher! Nunca existiu isso aqui!

- Olha aqui o jornal. Parece que uma Via Paralela vai passar por ali.

- Jesus! Que horror! E agora, pra onde eu vou?

- Avisa pro resto da vila! Avisa pra cada morador!

O tempo foi passando, e as ameaças foram apertando...

- São ordens superiores, vocês não têm muito tempo para pensar. Saem logo já ou vamos quebrar do jeito que está.

- Mas espera, seu Dotô, quem é esse superior? Me diz, pra gente poder conversar!

- O que isso importa? Quem são vocês para tentar negociar?

- Somos o trabalho e a história desse lugar!

É ano de eleição e os moços não sabem fazer nada além de destruir e construir sem se importar.

Importar eles se importam, com a bufunfa que vão ganhar.

Enquanto isso, o velho sentado no degrau de casa, acende um cigarro e olha a poeira se levantar... é um corre pra lá, um corre pra cá... lembra de um samba de sua autoria e começa a cantar:

‘Cheguei lá em casa, mas que aflição!!!

O meu pé tava encharcado, mas quanta ‘melação!’

A rua enchia cada vez que o céu chovia.

Ai meu Deus quanto aguaceiro dentro do meu barracão!

Meu filho gritava

‘E agora pr’onde nós vai?’

‘Meu filho, mas tenha calma, que daqui nós não sai’

Ele ainda não sabe que a luta vem do Povo

Pois cada casa que se cai

O rico bota no bolso!

Pois cada casa que se cai

O rico bota no bolso.’

E com os olhos cheios d’água, o velho apaga o cigarro na mão. Mas a

história não termina por aí. Ainda teve muita confusão³ ...”

NOTAS

1. Relato de uma moradora que estava prestes a perder sua casa em uma vila chamada Vila Mesquita, localizada no bairro Laranjeiras – Rio de Janeiro (RJ). (O GLOBO, 26 de Março, 1982).
2. As aspas foram inseridas para enfatizar uma resposta do poder público aos moradores, mas que escondia muitos interesses políticos e econômicos naquele espaço.
3. Crônica da autora do trabalho.

Elotsa Marçola Pereira de Freitas

Mestrado

Orientadora: Margareth da Silva Pereira

Coorientador: Washington Drummond

Ano de ingresso: 2020

Pesquisa Coletiva: Cidade, Canção, Corpo

Linha de pesquisa: Apreciação crítica da cidade contemporânea

CIDADE, TOM ZÉ, CANÇÃO

Uma criatura dentro de mim ficou em Irará e a
outra embarcou numa viagem astronáutica.

(Tom Zé, in: Pimenta, 2011, p.42)

Entende-se que as artes têm relevante papel na construção da subjetividade humana, o olhar para a cidade através da estética é, de certa forma, afastar a “tirania da racionalidade científica que tanto caracterizou o pensamento moderno”¹, colocar a contrapelo as possibilidades de urbanismo, e assim, pensar outros modos de se fazer conhecimento, no emprego de novas lógicas. Paola B. Jacques (2001, p.11) diz que “a estética sempre foi, desde seu surgimento como disciplina, um caminho paralelo, uma alternativa ao racionalismo”. Diante disso, entende-se que potencializar discussões que relacionem ciência, arte e filosofia é fundamental, visto que se vive atualmente, um período de retrocesso, no qual a educação e as artes estão sendo colocadas em descrédito.

Neste trabalho escolhe-se a música como expressão estética, poética e com forte inserção popular, a constituir um imaginário urbano. Entende-se que, para além do seu caráter estético, a música traz em si a relação de marcação e

afirmação simbólica/imaginária de cidades e também tem papel fundamental na constituição de subjetividades. Quando se fala em subjetividade é preciso pensar em algo diverso, heterogêneo e complexo em suas conexões. O sujeito se constitui através de uma experiência íntima e não descolada das relações com o mundo. Segundo Washington Drummond (2020, p.127) “O sujeito é ‘um oco de alma’, como escreveu Clarice Lispector; nunca totalmente preenchido, refém do corpo herdado e das circunstâncias históricas. Em cada recorte histórico, deveríamos nos perguntar sob quais discursos (e práticas) o sujeito estabelece relações consigo mesmo, constituindo-se.”, nota-se, então, que a expressão musical está presente no movimento de se entender em um lugar, em um tempo, de se conectar a um espaço, como marca constituinte do sujeito em um território, em uma temporalidade, em uma morada.

A música por todos os lados, uma espécie de hábito, uma espécie de *habitat*, algo que completa o lugar de morar, o lugar de trabalhar, seu uso constante num preencher os hiatos do meio ambiente, do meio ambiente físico e subjetivo, a música distração, distrai o trabalho, distrai o lazer, faz contraponto cego com o que eu vou fazer, papel-de-parede, plano de fundo, ponto de fuga, acompanhamento em harmônico, agudo, da atividade viver, em toda parte, uma espécie de cenário, jardim portátil. [...] Todo dia ela faz quase sempre igual, transborda pelo cotidiano, preenche parte das fraturas entre o real e o imaginário, matéria sonora, massa ora bem mais fina ora bem mais grossa. (WISNIK, 1979, p.16, grifo do autor).

Dito isso, escolhe-se e mergulha-se em Tom Zé, a partir de um recorte temporal em sua obra que vai de 1968 à 1978. É instigante perceber que ainda há pouco publicado sobre o artista. Buscou-se verificar dentro da academia os estudos já feitos sobre sua obra e vida, e concluiu-se que, majoritariamente, o material encontrado se concentra em campos como o da Música, da Linguística e, sobretudo, da Comunicação. No que se refere a olhar a obra do compositor por uma análise urbana, quase nada foi encontrado.

PESQUISAS INDIVIDUAIS

Nascido em 1936, no interior da Bahia, na cidade de Irara, Tom Zé nos diz sobre tempo, espaço e silêncio. Pensa em como desconstruir a canção tradicional desde seus 19 anos; em 1960, se apresenta pela primeira vez na televisão com uma música que em seu título - “Rampa para o Fracasso” - satiriza o nome do programa, “Escada para o Sucesso”; em 1962, entra para a Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, tendo como professores grandes nomes da vanguarda no ensino de música, como Hans-Joachim Koellreutter, Ernst Widmer e Walter Smetak. Conhece Caetano Veloso e Gilberto Gil, participa da peça “Arena Canta Bahia” em 1965. Participa do III e do IV Festival da Música Brasileira da TV Record, em 1967 e 1968, respectivamente, no qual é vencedor do último, com a música “São, São Paulo”. Se muda para São Paulo e grava o disco ícone da tropicália com os outros tropicalistas. A partir dos 34 anos Tom Zé começa a ser esquecido pela mídia e pelo grande público, volta a aparecer quase 20 anos mais tarde graças ao entusiasmo de David Byrne ao entrar em contato com seu disco “Estudando Samba”. O interessante é que mesmo após essa trajetória, o cantor e compositor insiste em continuar “limpando o campo”.

Tom Zé musicaliza e coloca em existência a vida pela ótica do cotidiano, ideia que, entende-se, como sendo própria à concepção de cidade. A busca de uma cidade que se materializa na canção, a qual aparece em diversas e diferentes intensidades. Logo, entende-se que Tom Zé atualiza um espaço fabular, narra uma cidade e, então, vai criando uma cidade fabulada. O compositor desestabiliza e coloca em suspensão o que é entendido por real, assim, posterga uma vivência em um mundo de infinitas possibilidades, em transe, em fábula, e rompe com a tirania do visível e do material.

Tom Zé age quando mobiliza sua própria cultura, sua visão de mundo, que está intimamente ligada à Irará, e então desloca esse lugar para o mundo, ele territorializa, desterritorializa e reterritorializa sua cidade natal. Não à toa, a cidade é presente em grande parte do que o envolve, nas canções, nos shows, nas entrevistas, nos documentários etc. A partir desta contextualização, a pesquisa parte de três pontos considerados relevantes na análise da obra de Tom Zé: Corpo, Repetição e Sotaque.

O corpo é a marca dessa transição territorial, do processo de passagem de um lugar para o outro, e do retorno saudosista à terra natal. A repetição está em congruência ao conceito de *ritornelo*, trazido por Deleuze e Guattari no qual traz esse balbuciar,

cantarolar, quase como uma ladainha, como estratégia de territorialização, forma o ritornelo, o refrão, se repete e se movimenta a fim de se reconhecer, pertencer, se identificar; é o artifício de Tom Zé para nos transportar para suas territorialidades, seja em suas músicas, falas e/ou gestos, como se quisesse demarcar aquele território no presente. Margareth S. Pereira (2004, p.227) diz que:

O trabalho do artista pressuporia um rompimento com o espírito do tempo para, ao contrário da história tradicional, não tratar o passado como um passado morto, mas fazê-lo presente. Em outras palavras, ele realizaria um exercício de imaginação e idealização do passado para que este, identificando-se com o presente, lhe servisse, eventualmente, de exemplo com tudo que possuísse de valor.

Indissociável ao corpo e à repetição - em movimento e impregnados de tempo e território - o sotaque denuncia e marca abruptamente essa territorialidade: Irará; como disse Caetano Veloso – em relato no livro de Scaramuzzo (2020, p.92) - “Tom Zé jamais renunciaria à própria história” e isso é nítido em seu sotaque, em sua entonação.

Desta forma, as relações, conexões, fricções, tensões que se busca nesta pesquisa são plurais e moventes. Pretende-se, então, pensar como, através das canções, Tom Zé provoca conexões, dsrupturas, tensões na noção de cidade, e então, inaugura, instaura, intervêm em uma ideia outra de cidade.

NOTAS

1. Resenha de Pasqualino Magnavita sobre o livro “Estética da Ginga: A Arquitetura das Favelas Através da Obra de Hélio Oiticica”, na Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais. A3, n.5, 2002, p.124.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997. Vol.4.

DRUMMOND, Washington, MORTIMER, Junia C. Genealogia do Sujeito e da Imagem: Aracy Esteve Gomes e seu Tempo. In: DRUMMOND, Washington, MORTIMER, Junia C. (Org.). *Entre imagem e escrita: Aracy Gomes e a cidade de Salvador*. Salvador: EDUFBA, 2020.

JACQUES, Paola B. *Estética da Ginga: arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Ed. Casa da Palavra, 2001.

PEREIRA, Margareth S. Quadrados Brancos: Le Corbusier e Lúcio Costa. In: NOBRE, Ana luiza et al.. (Org.). *Lucio Costa: Um modo de ser moderno*. São Paulo: Cosac Naif, 2004, p.220-245.

PIMENTA, Heyk. (Org.). *Encontros: Tom Zé*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.

SCARAMUZZO, Pietro. *Tom Zé, o último tropicalista*. Tradução Silvana Cobucci; Thiago Lins. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020.

WISNIK, José Miguel; O minuto e o milênio ou Por favor, professor, uma década de cada vez. In: BAHIANA, A. M., WISNIK, J. M., AUTRAN, M. *Anos 70: 1-Música Popular*. Rio de Janeiro: Europa Emp. Graf. E Edit. Ltda, 1979-1980.

Igor Gonçalves Quetroz

Doutorado

Orientadora: Paola Berenstein Jacques

Coorientador: Margareth da Silva Pereira

Ano de ingresso: 2019

Pesquisas coletivas: Cronologia do Pensamento Urbanístico

Linha de pesquisa: Historiografia e pensamento urbanístico

IMAGINAÇÃO E RECREAÇÃO INFANTIL:

relações entre ideário político, política e prática urbanística no
Brasil entre 1930–1960



Esta pesquisa trata das relações entre criança e cidade na história do urbanismo moderno brasileiro, a partir do modo como este campo de conhecimento interage mutuamente com a construção do ideário de Brasil moderno e em pleno

desenvolvimento. As relações entre distintos objetos de estudo apresentam-se como possibilidade de crítica aos próprios modelos de urbanismo adotados pelos programas de governo no Brasil e, sobretudo, como potência criativa na produção de uma outra cidade e de outros modos de fazer urbanismo e de narrar sua história. Pretende-se traçar relação entre o ideário político brasileiro entre os anos 1930 e 1960, através de políticas e prática urbanísticas, relacionadas ao tema da criança e da infância. Na construção dessa *nebulosa* constituída por diversos projetos, eventos, atores sociais e outros fatos relevantes, propõe-se o debate entre três objetos de estudo:

1) Mário de Andrade, as Bibliotecas e Parques Infantis, São Paulo (1935-1938): Mário de Andrade foi também servidor público e participou ativamente da construção do projeto do Departamento de Cultura e Recreação da Municipalidade de São Paulo, concretizado em 1935 na gestão do prefeito Fábio Prado. O projeto previa a construção de bibliotecas infantis, bibliotecas populares de bairro e “Bibliotecas Circulantes”. A partir do Parque Infantil Pedro II, se ampliou a ideia de fundir educação e lazer infantil na cidade, visando o pleno desenvolvimento das crianças, acompanhado por profissionais especializados, professores, educadoras sanitárias, pediatras, nutricionistas e instrutoras de jogos.

2) Raquel Prado, “O Urbanismo e a Criança”, Rio de Janeiro (1941): Tese apresentada durante o I Congresso Brasileiro de Urbanismo, legitimada pela “concepção urbana infantil” de uma cidade para os pobres, imaginada por um garoto de nove anos. O texto refere-se aos processos de puericultura e eugenia necessários para a salvaguarda da infância brasileira, alinhando as diretrizes do Estado Novo às condições urbanas de moradia da população mais pobre do Rio de Janeiro.

3) Jayme Martins, “Tia Margarida vai a Brasília: história para alguém contar às crianças”, (1959): Enquanto a novíssima Capital do país ergue suas colunas delgadas e elegantes, sua história já está sendo contada de forma assumidamente ficcional, numa correlação clara entre a oficialização da história e o desenvolvimento proposto como programa nacional do governo.

Nestes três objetos – ou narrativas urbanas –, notam-se diferentes tentativas de construção de ideários modernos brasileiros, a partir da tentativa de manutenção de uma noção moderna, adulta e europeia de “infância” brasileira, observadas tanto nos projetos das bibliotecas e parques infantis do Departamento de Cultura e Recreação da Municipalidade de São Paulo, chefiado por Mário de Andrade; quanto na cidade higienista para os pobres, idealizada pela criança, na tese de Raquel Prado; e, finalmente, na tentativa de construir um nacionalismo baseado no civismo, no patriotismo e na brasilidade, sugerida e sublinhada pela alusão a episódios e grandes heróis brasileiros, em defesa da transferência e construção da nova capital, através do livro infantil de Jayme Martins.

Como hipótese desta pesquisa, a partir da investigação dos objetos de estudo apresentados, pretende-se investigar de que forma, a partir de uma moderna noção de infância (baseada no controle dos corpos, da imagem da “esperança” ou de um vir-a-ser futuro útil), o campo do urbanismo no Brasil reagiu e contribuiu para a construção dos ideários políticos entre os anos 1930 e 1960, através de políticas e prática urbanísticas, relacionadas ao tema da criança e da infância. O debate entre estes objetos de estudo possibilita questionar e experimentar outros modos de pensar, fazer e narrar a história do urbanismo moderno no Brasil, sobretudo a partir da articulação entre os campos historiográfico, literário e do próprio urbanismo enquanto disciplina. A criança, como possível construtor de articulações entre campos, discursos e práticas heterogêneas, ajuda a romper barreiras, sobretudo em formas já consolidadas da construção historiográfica do urbanismo.

Ramon Martins da Silva

Doutorado

Orientadora: Paola Berenstein Jacques

Coorientadora: Fabiana Dultra Britto

Ano de ingresso: 2019

Pesquisas Coletivas: Cronologia do Pensamento Urbanístico

Linhas de pesquisa: Estética, corpo e cidade /

Historiografia e pensamento urbanístico

POR UMA NOVA VIDA MODERNA:

a Bauhaus e as políticas do corpo útil

I. 2020¹

A fim de pensarmos as políticas em torno do corpo sensível a partir do projeto dos espaços e dos objetos industriais de uso cotidiano, tomamos como um gatilho disparador desta pesquisa o centenário de fundação da escola alemã Bauhaus². Entendemos a comemoração no ano de 2019 definida pela realização de uma série de eventos, publicações e discussões ao redor do mundo que atualizam o debate historiográfico sobre esta que comumente é posta enquanto marco à compreensão das atividades modernas de projeto e de construção, sobretudo nos campos da arquitetura, do urbanismo e do desenho industrial³. O movimento de debruçar-se sobre as visadas contemporâneas dedicadas às práticas passadas da escola é paralelo aos esforços de lançar-se aos arquivos da Bauhaus para que se possa iluminar sua história a partir de novas perspectivas, dar novos usos no presente aos documentos e fragmentos de seu passado, tarefa fundamental fomentada pelas comemorações do centenário. O exercício da revisitação e atualização crítica que vem sendo realizada se alinha, neste sentido, aos ensinamentos de Walter Benjamin (2012) sobre cada época ser responsável pela escrita de seu passado.

Conforme constatado nas primeiras etapas de levantamento bibliográfico desta investigação e no acompanhamento das discussões suscitadas pelos eventos recentes, as revisitações têm destacado sobretudo a importância de se pensar o corpo como elemento central ao entendimento das próprias proposições da Bauhaus, a demarcar uma importante inflexão nas pesquisas e produção de narrativas históricas sobre a escola. A historiadora da arte Elizabeth Otto (2019), pesquisadora a frente de interessantes estudos que dão novos usos aos vestígios vinculados à existência da Bauhaus, promove a ideia de que a escola não será efetivamente compreendida nos dias de hoje se as construções historiográficas não levarem em consideração as políticas em torno do corpo travadas pela própria Bauhaus. Otto (2019) utiliza-se da ideia sobre a construção do corpo pelos discursos de seu tempo, também como a historiadora Kathleen Canning (2006) fundamenta aliada ao pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011), a relação entre o corpo e os agenciamentos coletivos de enunciação⁴. Otto pensa a constituição de um corpo adequado às construções discursivas da modernidade como cerne das preocupações daquele período, também como aspecto fundante dos próprios discursos da Bauhaus em favor de se repensar a vida moderna, através do projeto das formas a serem colocadas em uso pelos corpos⁵.

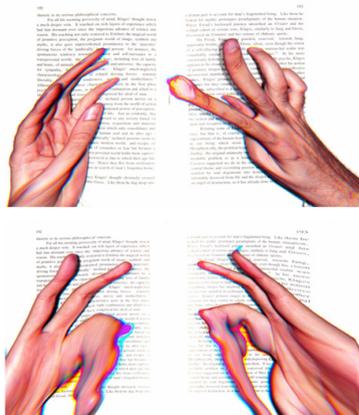
Quando a presente investigação posiciona-se diante da Bauhaus a partir de tal revisitação contemporânea, os estudos passam a ser alinhavados pelo tratamento do corpo como categoria de análise histórica. Aloca-se em debate, sobretudo, a visualização do corpo como método às pesquisas socioculturais e interdisciplinares (CANNING, 2006). Discute-se a produção de corpo e constituição de si a partir dos enunciados projetados, construídos, e constantemente postos em circulação nas partilhas e embates políticos em torno de um coletivo social. No campo da arquitetura e dos estudos históricos da produção material, alinha-se também aos estudos da pesquisadora Beatriz Colomina (1992; 2018), que para além de suas pesquisas sobre a Bauhaus no âmbito das pedagogias radicais, propõe pensar a própria arquitetura do ponto de vista das políticas do espaço. Aposta-se, neste sentido, na compreensão das forças do espaço coimplicadas ao próprio corpo, projetadas à possibilidade de específicos modos de utilização das formas. Entretanto, é importante salientar, que a investigação tenta escapar da elaboração de uma leitura insistente nas relações causais e deterministas entre forma e

PESQUISAS INDIVIDUAIS

uso, entendendo do ponto de vista da crítica que o projeto moderno lança suas políticas de corpo na expectativa de enquadramento deste mesmo corpo, mas é pelos diversos modos existentes entre a aceitação tácita e a recusa profanatória (AGAMBEN, 2007), disruptiva e transformadora, que o uso se dá.

Dito isto, do acúmulo de leituras sobre o assunto, compreende-se que este trabalho percorre um possível caminho teórico a desvelar indícios para entendimento ampliado dos objetivos, questionamentos e discussões da própria Bauhaus no tocante ao debate sobre a produção de corpo. Atrrelada à visão de progresso calcada na prospecção do espaço planejado, não estaria a escola alemã propondo também um corpo devido? Como seria possível compreender as relações propostas pela escola que coimplicam o corpo sensível, o espaço doméstico da casa e os projetos para uma cidade moderna? Como ampliar o entendimento sobre a produção e a pedagogia da Bauhaus sem perder de vista os seus tensionamentos, complexidades e disputas no campo sociocultural? A partir da revisitação à história da Bauhaus, como pensar contemporaneamente o contínuo agenciamento de corpo pelas práticas prospectivas relacionadas à produção material das propostas artísticas, arquitetônicas e urbanísticas? Em termos histórico-metodológicos, o que significa, no presente, fazer do corpo categoria de análise ao gesto de nos debruçarmos sobre o passado?

II. 2021-22



NOTAS

1. Colocamos aqui o mesmo resumo apresentado na edição remota do seminário interno do Laboratório Urbano em 2020. As questões brevemente apontadas pelo resumo são pontos de partida para o período sanduíche, junto à Bauhaus-Universität Weimar, realizado entre outubro de 2021 e março de 2022. Optamos, portanto, por reapresentar neste caderno as questões iniciais de pesquisa para, em seguida, nos dias de seminário, apresentar o processo de pesquisa durante o período sanduíche e os desdobramentos que nos instigam a construção de outros lugares à pesquisa.
2. Temos a hipótese de que, a partir dos discursos da própria Bauhaus, a escola se retroalimentava da ideia de que o projeto das novas formas modernas teria equivalência ao projeto do próprio corpo sensível. Como objetivo, visamos estabelecer um debate crítico, expandido, interdisciplinar e contemporâneo sobre como as ações prospectivas de futuro nos campos da arquitetura, do urbanismo e do desenho industrial, através das práticas projetivas e ações estético-políticas de ordem criativa e construtiva, não se distanciam também da prospecção de corpo. Prospecção de corpo no sentido da orientação do existir nos espaços, engendramento de modos de existir, gestos, hábitos, políticas em torno do corpo sensível, perceptivo, por meio principalmente das formas, enunciações e agenciamentos coletivos (DELEUZE; GUATTARI, 2011) constantemente em transformação, ou ainda, discursos estético-políticos em movimento nas partilhas de um sensível coletivo (RANCIÈRE, 2009).
3. O principal exemplo sobre tais eventos talvez seja a realização da “Bauhaus Imaginista”, uma pesquisa ambiciosa que desde 2018 põe em conversação pesquisadores de diferentes países de distintos continentes, centrados na discussão sobre a relação da Bauhaus com uma multiplicidade de movimentos vanguardistas espalhados, temporalmente, ao longo do século XX e, geograficamente, ao redor do mundo. Tal processo de pesquisa culminou em uma série de exposições dividida em quatro capítulos – “Corresponding With”, “Learning From”, “Moving Away” e “Still Undead” – sendo que os capítulos percorreram diferentes cidades desde 2018 (como Rabat, Hangzhou, Kyoto, Tokyo, São Paulo, Lagos, New Delhi, New York e Moscow) e, de março a junho de 2019, foram reunidos em uma grande exposição de nome “Bauhaus Imaginista” em Berlim, que segue atualmente para outras cidades. De dimensão global, a pesquisa e sua exposição traçam inúmeras narrativas que evidenciam a reverberação das ideias da escola nos mais diversos contextos socioculturais locais, trazendo a tona relações até então não enfatizadas pela historiografia do pensamento projetivo, criativo e da produção material. Do ponto de vista da crítica, poderíamos dizer que o centenário possui, de certo modo, caráter reivindicativo do legado da Bauhaus a atravessar ações e práticas espalhadas ao redor do mundo. Importante

PESQUISAS INDIVIDUAIS

mencionarmos também que o nome “Bauhaus Imaginista” faz menção ao MIBI (Movimento Internacional para uma Bauhaus Imaginista) fundado em 1953 por Asger Jorn, que se utilizava do imaginário sobre a Bauhaus para promoção de livre experimentação e de expressão no ato criativo, conflitando sobretudo com as opiniões de Max Bill na comemoração dos 50 anos de fundação da Bauhaus na década de 60. Bill discordava da ideia de tratar o legado da escola a promover somente a inspiração artística, mas ressaltava o caráter doutrinário, normativo e prático do ensino em projeto e construção, a fundamentar a própria elaboração pragmática e técnica necessária à consolidação, naquele momento da década de 60, do campo do desenho industrial.

4. Ambas as pesquisadoras, Otto e Canning, tratam também do espírito do tempo (*Zeitgeist*) e ainda daquilo que Canning (2006) chama de incorporação (*embodiment*). Dentro das discussões atuais dos estudos culturais e de gênero, as pesquisadoras dedicam-se fortemente ao estudo histórico do corpo no contexto da singular República de Weimar e do entre guerras, primeira experiência republicana alemã. Em trabalhos diferentes, ambas pensam o contexto pela perspectiva da reforma generalizada dos âmbitos da própria vida daquele período (*Lebensreform*), movimento que desde fins do século XIX, na Alemanha, fazia apologia a um modo de vida mais natural, com a exaltação às atividades ao ar livre, às atividades de jardinagem, ao consumo de alimentos saudáveis, ao uso da medicina alternativa, às práticas do nudismo e sexualmente, até certo ponto, mais libertárias, aos exercícios físicos e às atividades de cultivo do corpo, também a adoção da fotografia e das novas tecnologias no cotidiano. Elizabeth Otto (2019) comenta que uma série de publicações alemãs no período da República de Weimar traziam o corpo como objeto de discussão e, portanto, compartilhavam ideias promotoras de desejos que posicionavam tais novos modos de existir como reais possibilidades. Para compreensão das ambivalências e contradições deste período, também vale destacar a importância para a presente investigação de doutorado das pesquisas emblemáticas de Peter Gay (2001), de 1968, e Lionel Richard (1988), de 1988, a evidenciarem que ao intenso movimento sociocultural de amadurecimento na Alemanha de campos como a dança, arquitetura, cinema, teatro, arte e música, é simultânea a precariedade instaurada pelas consequências da inflação, do desemprego, da miséria e da desordem econômica em função da catástrofe da Primeira Grande Guerra. Isto é, estudar este período de reforma pela perspectiva a nível do corpo que se inventava moderno, significa perceber inclusive as ambivalências e contradições inerentes ao próprio momento histórico.

5. Enquanto hipótese já comentada em nota, quando a escola assume como diretriz tornar aptos construtores e projetistas ao desenvolvimento da materialidade adequada aos paradigmas de uma “nova vida moderna”, é agenciado também um corpo sensível devidamente útil, conveniente, compatível com aquilo que é proposto pela própria modernidade da Bauhaus

enquanto ideal de um modo de viver moderno. Em carta datada de 1920, direcionada ao crítico e historiador da arte Adolf Behne, Gropius (*apud*: DROSTE, 2012, p. 42, tradução nossa) comenta: “O imprescindível é que hoje em dia nos é impossível reformar uma parte do todo, temos que colocar toda a vida em questão: o modo de viver, a educação infantil, as atividades esportivas, e assim até o infinito”. Neste sentido, os vestígios deixados pela escola evidenciam as práticas da Bauhaus abarcando o desenho e a construção relativa às diferentes escalas de projeto, com a crença de que por meio da produção das formas utilizáveis pudesse se interferir e afetar diretamente a existência do corpo. Desde a escala do desenho industrial, com os mais simples utensílios de cozinha e a mobília de cada cômodo de uma casa, a passar pela escala da construção civil, com a própria arquitetura da casa e dos edifícios do homem moderno, até ampliar a dimensão de projeto à escala urbana, com atenção à questão da habitação mínima e à relação das casas sobre o espaço, como no projeto da colônia na cidade de Dessau. As discussões sobre habitação mínima foram, posteriormente, de fundamental importância para consolidação do campo de debate comum aos arquitetos modernos que visavam a resolução da demanda habitacional imposta pelos desdobramentos da Revolução Industrial. Com a fundação dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM) em 1928, a segunda edição do Congresso, em Frankfurt, 1929, justamente discutia tal temática: *Die Wohnung für das Existenzminimum* – A moradia para o mínimo nível de vida. Neste, foram apresentadas as seguintes teses: “Os fundamentos sociológicos da moradia mínima”, de Walter Gropius, e “Leis edificatórias e moradia mínima”, de Hans Schmidt, além de trabalhos de Ernst May, Le Corbusier e Victor Bourgeois.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas v. 1. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CANNING, Kathleen. *Gender history in practice: historical perspectives on bodies, class, and citizenship*. Ithaca: Cornell University Press, 2006.

COLOMINA, Beatriz (org.). *Sexuality and space*. New York: Princeton Architectural Press, 1992.

COLOMINA, Beatriz; WIGLEY, Mark. *Are we human?* notes on an archaeology of design.

PESQUISAS INDIVIDUAIS

Zürich: Lars Müller Publishers, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2 - v. 1-5*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DROSTE, Magdalena. *Bauhaus*. Editado por Bauhaus-Archiv Museum für Gestaltung. Köln: Taschen, 2012.

GAY, Peter. *Weimar culture: the outsider as insider*. New York: Norton, 2001.

OTTO, Elizabeth. Introduction: embodying the Bauhaus. In: OTTO, Elizabeth; RÖSSLER, Patrick (org.). *Bauhaus bodies: gender, sexuality, and body culture in modernism's legendary art school*. New York/London: Bloomsbury, 2019.

OTTO, Elizabeth; RÖSSLER, Patrick (org.). *Bauhaus bodies: gender, sexuality, and body culture in modernism's legendary art school*. New York/London: Bloomsbury, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

RICHARD, Lionel. *A República de Weimar: 1919-1933*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988

Júlia Dominguez da Silva

Graduação

Orientadora: Paola Berenstein Jacques

Ano de ingresso: 2020

Pesquisa coletiva: Cronologia do Pensamento Urbanístico

Linha de pesquisa: Estética, corpo e cidade

**CORPO-ARQUIVO:
como me habito?**

Aprovado no edital PIBExA 2021, o projeto “Corpo-arquivo: Como me habito?” foi desenvolvido por Júlia Domínguez da silva com tutoria de Paola Berenstein Jacques e possuiu apoio financeiro da PROEXT. Foi desenvolvido no ano de 2021, com vigência de agosto a dezembro do mesmo ano, sendo exibido no Congresso UFBA 75 anos.

O vídeo-poesia, resultado do projeto, advém de um processo imersivo-experimental com três eixos de investigação do corpo-arquivo-casa-cidade: a polifonia, polimorfia e policromia. Busca-se indagar sobre o que deseja um corpo confinado, o que pode e quais são suas limitações, perpassando pelo corpo esgotado, corpo sedentário, o corpo carente e pelo corpo distraído. Esse projeto teve e tem enquanto objetivo uma proposição de experimentação corporal para se fazer sentir, promover uma abertura das percepções, ou seja, se perceber enquanto indivíduo integral (corpo fisiológico, corpo mente e corpo sutil) e integrado a um todo, percebendo nuances, camadas e desvios dessa colcha de retalhos que somos, bem como suas relações, diferenças, trocas e semelhanças com os corpos (cerebrais ou não) que os circunda.

PESQUISAS INDIVIDUAIS

Segue o link para acesso ao vídeo-poesia (recomenda-se experienciá-lo com fone de ouvido):



<https://www.youtube.com/watch?v=rIuVY4tUghU>

Entendo esse projeto enquanto uma das diversas etapas de pesquisa e experimentação que estão fazendo parte do percurso para elaboração do meu TFG, onde os corpos, as cidades e a experiência estarão presentes, sem sombra de dúvidas.

Rafaela Lino Izelt

Doutorado

Orientadora: Paola Berenstein Jacques

Ano de ingresso: 2020

Pesquisa Coletiva: Cronologia do Pensamento Urbanístico

Linha de pesquisa: Aprecensão crítica da cidade contemporânea

IMAGEM, IMAGINAÇÃO, EXPERIÊNCIA:

relações entre o físico e o virtual na orla da Barra, Salvador

“A imaginação é o desejo em movimento”

(Octavio Paz)

Essa pesquisa tem início a partir de uma constatação de que presenciamos uma “política das imagens” e uma “supremacia do olhar” (BEIGUELMAN, 2021) quando a infundável produção de imagens nas redes sociais e nos meios virtuais contribuem para uma mudança estética e social. Vivemos uma positividade excessiva e uma exposição absoluta, operadas por uma tirania da visibilidade que elimina qualquer mistério e distanciamento quando tudo é transformado em mercadoria obscena para ser vista. “Me agrada” seria a máxima desta “sociedade da transparência” (HAN, 2017), que incentiva uma interação rápida baseada em *likes* e evita qualquer negatividade que paralise a comunicação.

Mergulhados cada vez mais no universo digital e “no limbo da uniformização do olhar” – quando as redes sociais nos fornecem um incessante *scroll* de imagens em repetição – é inevitável percebermos uma indissociabilidade entre aquilo que experienciamos no espaço físico e aquilo que o meio virtual transforma em dados e mercadorias. Estamos contraditoriamente isolados no mundo digital – o que a

pandemia do Covid-19, certamente, intensificou – envoltos em nossas bolhas, mas visibilizando e transformando nosso cotidiano em imagens compartilhadas a todo tempo para conseguirmos as interações físicas que nos fazem falta, mesmo que rápidas. Diante deste cenário, o que ainda nos escapa e é possível experienciar no espaço urbano contemporâneo?

Este questionamento nos faz procurar compreender os entrelaçamentos, as nuances e os desvios entre experiência e imagem nos espaços físicos e virtuais. A partir de um disparador inicial (uma notícia do Jornal Correio de 31 de outubro de 2021 elegendo um local próximo ao Farol da Barra, o Buraco da Sereia, como “o mais novo point das redes sociais”), nos colocamos na busca de imagens publicizadas e estereotipadas que fabulam cidades e limitam experiências. Entendemos que esta construção de ícones e imagens urbanas faz parte também de uma construção do indivíduo e de uma relação subjetiva com o consumo, nos fazendo apostar numa possível “privatização” da própria experiência urbana que operaria numa “fantasia imagética” produzindo “imagens de desejo” (BENJAMIN, 2018 [1982]) impulsionadas por uma novidade constante e passageira.

Imagens publicizadas, imagens estereotipadas, imagens-síntese, imagens de desejos. Didi-Huberman (2015, p. 206, grifos do autor), ao falar sobre uma necessária restituição das imagens a quem foram retiradas, a um direito público, afirma que “[...] a maior ilusão produzida por esse ‘aparelho de Estado’ das imagens é que nada *se passa* no mundo se não se passar na televisão” (ou nas telas de modo geral, podemos dizer). Para restituir alguma coisa à esfera pública para além do limite desse “aparelho”, o autor sugere “instituir os restos: tomar nas instituições o que elas não querem mostrar – o rebotalho, o refugo, as imagens esquecidas ou censuradas – para retorná-las a quem de direito, ao ‘público’, à comunidade, aos cidadãos”.

Considerando, portanto, esse inevitável aparelho das imagens e essa possível cooptação da imaginação, a pesquisa objetiva procurar as imagens que desviam, tensionam e complexificam as narrativas pacificadoras de cidade, para compreender quais e como as experiências urbanas contemporâneas são percebidas nesse imbricamento físico e virtual. Delimitamos a orla da Barra como objeto de estudo por considerarmos este espaço um “território popular” com todas as apropriações

diárias que ali acontecem e que resistem às recorrentes tentativas de elitização do bairro. Tratamos de um espaço turístico, midiaticizado e estereotipado, porém repleto de práticas cotidianas e choques de tempos heterogêneos, de “heterocronias urbanas” (JACQUES, et al., 2017, p. 298), de descompassos, brechas ou desvios temporais, onde podem surgir temporalidades e experiências múltiplas. Propomos investigar pelas imagens esses tropeços e soluções que insistem. Imagens, como nos diz Didi-Huberman, que não possuem a “vocação para serem tornadas públicas”, mas que nos mostram caminhos possíveis de experiências que ainda não foram completamente apropriadas pela lógica de consumo virtual.

Apostamos no entrelaçamento das imagens publicizadas nas m dias com uma investiga o de antigos cartões-postais a fim de buscarmos na história esses rastros que nos permitam compreender não somente as mudanç as da paisagem do nosso objeto de estudo, mas as experiências cotidianas registradas e compartilhadas por outros meios e em outros tempos. Ainda incertas sobre o que os arquivos e o campo podem nos despertar, almejamos sobrepor essas temporalidades distintas e, a partir de colagens, fazer imagens outras emergirem, experiências esquecidas de uma “Barra, nada boutique”¹.

“O problemático não é o aumento das imagens em si,
mas a coa o ic nica para tornar-se imagem.
Tudo deve tornar-se visível.”
(Byung-Chul Han, 2017)

NOTAS

1. Em referência ao *slogan* “Barra, um bairro boutique”, estampado em um *outdoor* na Avenida Oceânica, da empreendedora “Blue Barra”, responsável pela constru o de um dos cinco novos edifícios do bairro.

PESQUISAS INDIVIDUAIS

REFERÊNCIAS

BEIGUELMAN, Giselle. *O futuro da imaginação depois do TikTok*. Revista Zum. 2021. Disponível em: <<https://revistazum.com.br/colunistas/imaginacao-depois-do-tiktok/>>. Acesso em: 21 de mar. 2022.

BENJAMIN, Walter. Paris, a capital do século XIX. In: _____. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Devolver uma imagem. In: ALLOA, Emmanuel (org.). *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017.

JACQUES, Paola B. (et al.). Temporalidades. In: JACQUES, P.; BRITTO, F. (org.). In: *Corpocidade: gestos urbanos*. Salvador: Edufba, 2017, p. 294 - 349.

Rafael Luis Simões Souza e Silva

Mestrado

Orientadora: Paola Berenstein Jacques

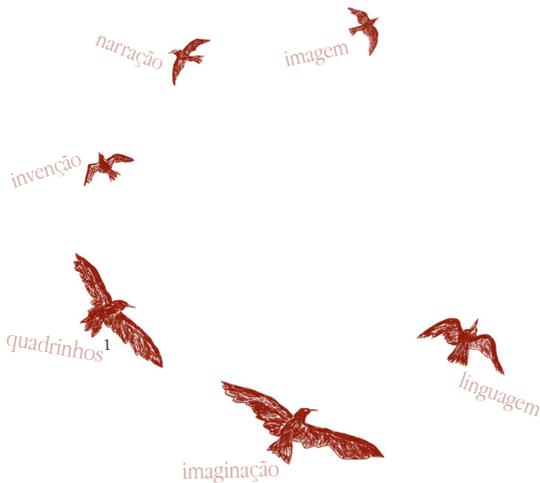
Coorientador: Francisco Costa

Ano de ingresso: 2019

Pesquisa Coletiva: Arquivo Laboratório Urbano

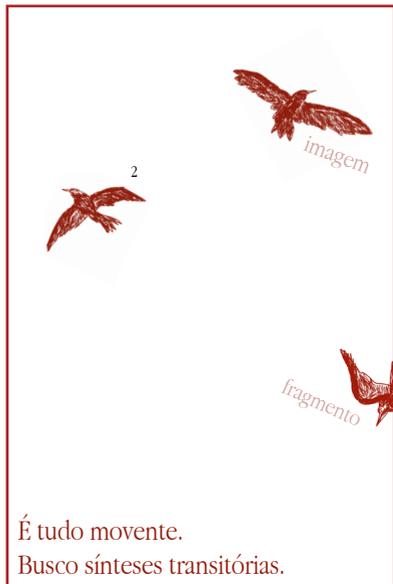
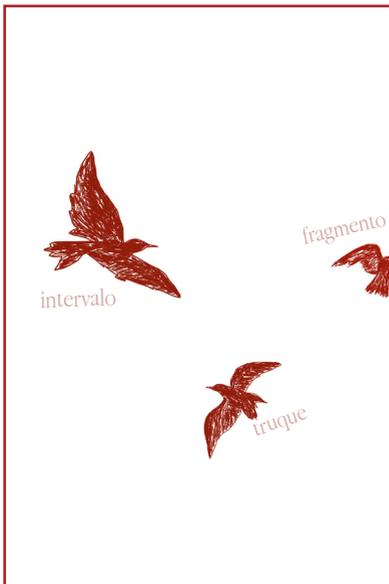
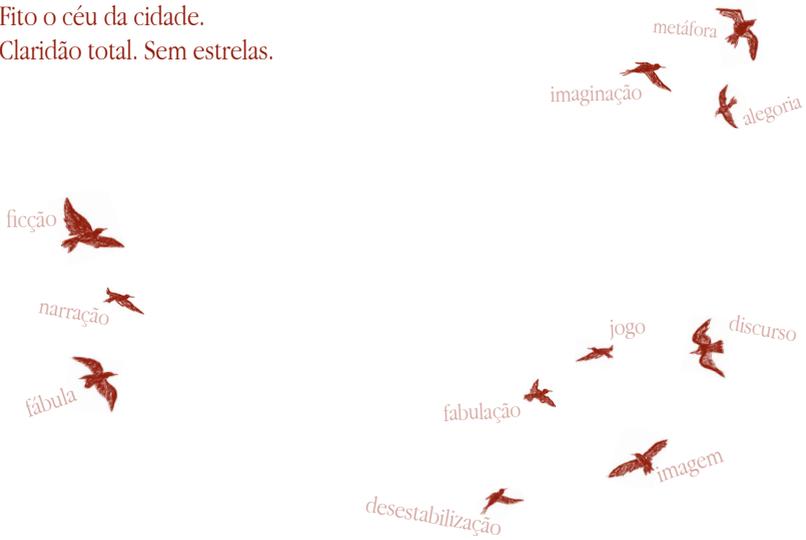
Linha de pesquisa: Apreensão crítica da cidade contemporânea

NARRAR AS CIDADES ATRAVÉS DOS QUADRINHOS:
pensar/imaginar entre arranjos, intervalos, palavras e imagens



PESQUISAS INDIVIDUAIS

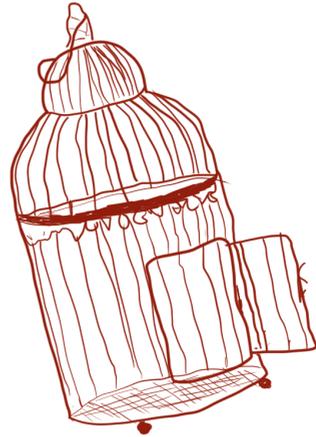
Fito o céu da cidade.
Claridão total. Sem estrelas.



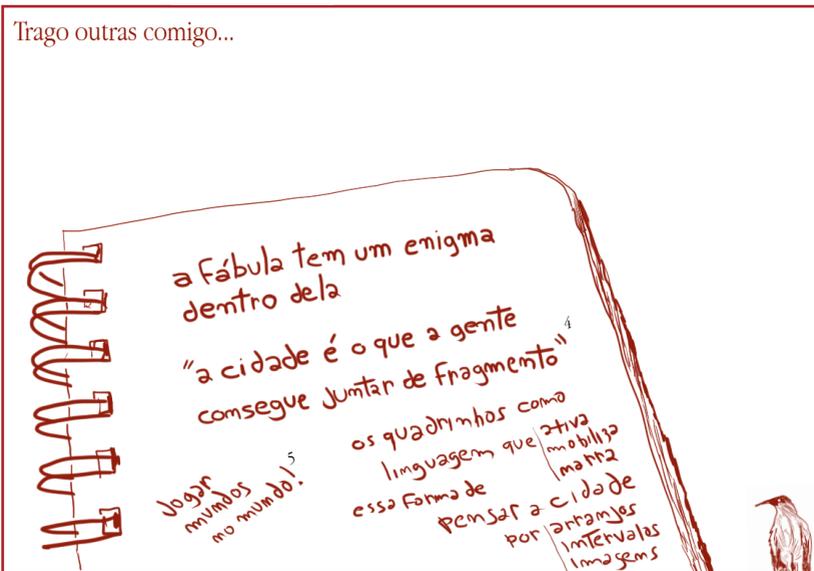
Um deles não tem nome.



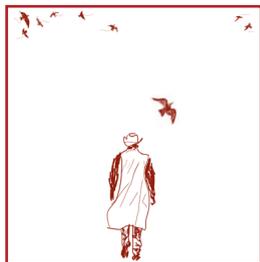
Anda comigo. Como uma questão.



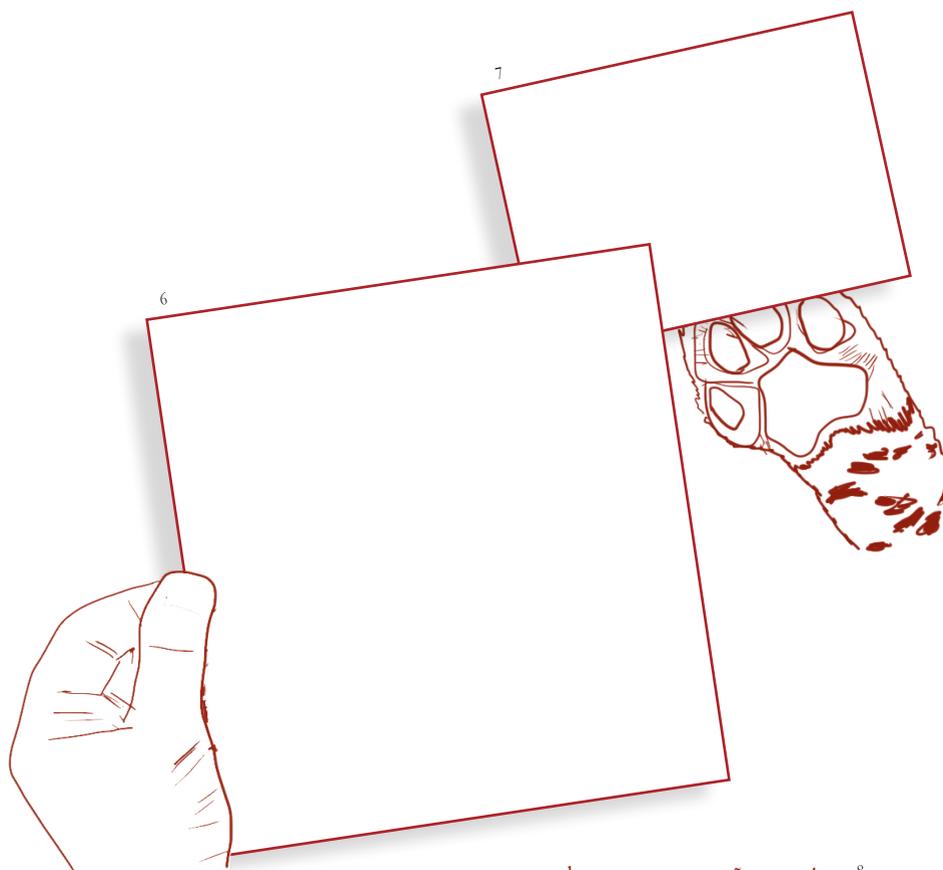
Trago outras comigo...



PESQUISAS INDIVIDUAIS



Estou indo para um lugar.
Estou indo encontrar alguém...



para colocar estas questões em *jogo*.⁸

NOTAS

1. Scott McCloud (2005), no capítulo um de *Desvendando os Quadrinhos*, faz um esforço minucioso em definir os quadrinhos, chegando a sua descrição como “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador.” (MCCLLOUD, 2005, p.20)

2. “(...) a cidade está no homem mas não da mesma maneira que um pássaro está numa árvore não da mesma maneira que um pássaro (a imagem dele) está/va na água e nem da mesma maneira que o susto do pássaro está no pássaro que eu escrevo

a cidade está no homem quase como a árvore voa no pássaro que a deixa” (GULLAR, 2021, p.275)

3. “Para compreender a poesia precisamos ser capazes de envergar a alma da criança como se fosse uma capa mágica, e admitir a superioridade da sabedoria infantil sobre a do adulto.” (HUIZINGA, 2019, p.157–158)

4. “A cidade é o que a gente consegue juntar de fragmento” — Frase dita pela professora Margareth da Silva Pereira, em uma de suas muitas falas feitas em modo remoto durante o isolamento da pandemia do Covid-19 (2020–2021), na sala virtual do Laboratório Urbano (PPGAU-FAUFBA). A ocasião exata não foi possível confirmar.

5. “(...) Porque a frase, o conceito, o enredo, o verso (e, sem dúvida, sobretudo o verso) é o que pode lançar mundos no mundo.” (VELOSO, 1997)

6. O gesto de retirar o quadro do plano é, dentre outras interpretações, um aceno ao livro *Desaplanar* (SOUSANIS, 2017) — fruto de uma tese de doutorado defendida na Universidade Columbia (EUA), em 2014, escrita e desenhada inteiramente em quadrinhos pelo quadrinista

PESQUISAS INDIVIDUAIS

e educador Nick Sousanis. No livro, o autor analisa o processo de aprendizagem, questiona a primazia da palavra escrita na linguagem e defende a simbiose texto-imagem. Desaplanar significa envolver múltiplos pontos de vista para, a partir deles, produzir novos modos de ver.

7. “A partir de um conhecimento pela montagem seria, então, possível pensarmos as cidades e o urbanismo (e sua história) também de forma menos homogênea, mais complexa, a partir de suas diferenças, heterogeneidades e também de seus limiares. (...) Uma forma de conhecimento processual construído pela própria prática, na própria ação do montar-desmontar-remontar, que admite o acaso — o ‘acaso objetivo’ dos surrealistas —, uma espécie de jogo de cartas de tarô, de búzios ou de dados, como em Mallarmé. Uma forma de pensar sempre em movimento, que atua pelas diferenças, pelas multiplicidades, um pensamento em transformação permanente, que recusa qualquer síntese conclusiva, assumindo a incompletude como princípio criativo.” (JACQUES, 2020, p.381)

8. “No jogo existe alguma coisa ‘em jogo’ que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa.” (HUIZINGA, 2019, p.2)

REFERÊNCIAS

GULLAR, Ferreira. Poema sujo [1975]. In: GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. Tradução: João Paulo Monteiro, revisão de tradução Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2019.

JACQUES, Paola Berenstein. *Fantasmas Modernos: montagem de uma outra herança* v. 1. Salvador: EDUFBA, 2020.

MCCLOUD, Steve. *Desvendando os quadrinhos: história, criação, desenho, animação, roteiro*. Tradução: Helcio de Carvalho e Marisa Paro. São Paulo: M.Books, 2005.

SOUSANIS, Nick. *Desaplanar*. Tradução: Érico Assis. São Paulo: Veneta, 2017.

VELOSO, Caetano. Livros. *Livro*. Rio de Janeiro: Phillips/Polygram, 1997.

Oswaldo Frettez Carrillo

Mestrado

Orientador: Luiz Antônio de Souza

Coorientador: Leo Name

Ano de ingresso: 2020

Pesquisa Coletiva: Arquivo Laboratório Urbano

Linha de pesquisa: Estética, corpo e cidade

LOS SILENCIOS DE LOS MAPAS, PERSONAJES AUSENTES: ensayo cartográfico sobre las movilidades en la pandemia

Entiendo aquí que los mapas son una “representación gráfica que facilita el conocimiento espacial de cosas, conceptos, condiciones, procesos o eventos que conciernen al mundo humano” (HARLEY y WOODWARD, 1987: XVI) Sin embargo, los mapas más tradicionales muestran narran a través de la geometría y la posición cartesiana, primando la precisión y la exactitud a través y cuantificación de los datos. “Son distorsiones reguladas de la realidad, distorsiones organizadas de territorios que crean ilusiones creíbles de correspondencia. (SANTOS, 2001, p. 198), de manera que ciertas representaciones de territorios - con ciertas intenciones de poder - quedan legitimadas como descripciones fieles de la realidad. Los mapas son una distorsión regulada de los territorios sociales”. (op.cit) mapeados como si fueran estáticos, vistos a la distancia por un observador neutral y universal. Todo mapa lleva consigo simplificaciones y omisiones, de manera que, nunca se ocupan de la realidad en sí misma, sino que hacen discursos inteligibles sobre el espacio con determinadas intenciones, optando porque mostrar y omitir.

Esta ilusión hace que el tiempo y el movimiento sean dos de los grandes “silencios”

PESQUISAS INDIVIDUAIS

de los mapas, — una metáfora utilizada por Harley ([1988] 2005) para discutir lo que no está visualmente presente, pero hace parte de su discurso cartográfico, ya sea ellos intencionales o no, políticos o epistémicos. Al valorizar más los lugares de los datos que desean exhibir, dan poca atención a acontecimientos que no se pueden mostrar desde sus propias convenciones cartográficas (cf. GIRARDI, 2000); por otra parte, además del tiempo ser ausente en el modo cartesiano de presentar el espacio, raras veces muestran personajes por lo que estos son sin cuerpos, sin desplazamientos — es decir, sin vida. Esta invisibilidad de ciertos aspectos producida por los silencios cartográficos colabora en la producción de “ausencias” en el sentido que le da Santos (2002) una metáfora en donde lo inexistente es producido como no existente.

Si consideramos mapas de diferentes períodos históricos “podemos comprobar que a medida que cambia la noción de espacio, tiempo, naturaleza, es decir, la cosmología de una época, cambian también las referidas figuraciones espaciales.” (KATUTA, 2006, p. 53). También podemos observar que esta rara vez eran meras representaciones geográficas, ya que iban acompañados de toda una serie de imágenes, de modo que agrupaban narraciones que ampliaban sus significados, una especie de narración cartográfica que no solo muestra lugares, sino también tiempos, personas y acciones (BOONE, 2010). Lo que resulta útil si consideramos datos e interpretaciones difícilmente narrables fuera de la cuantificación y localización exacta propia del lenguaje cartográfico más hegemónico.

A partir de estas reflexiones estoy ensayando formas de narrar y pensar el espacio urbano durante la pandemia de covid-19 en la ciudad de Salvador de manera crítica, propositiva y experimental. La propuesta de los mapas de esta disertación tiene su origen en mi experiencia diaria durante la pandemia. Entre marzo de 2020 y marzo de 2022 viví en Rio Vermelho con dos amigos en “cuarentena”. Nuestra inmovilidad en torno a la ciudad contrastada con la movilidad cotidiana —dentro y fuera del edificio— de otras personas. Estos trabajadores hablaron de los hechos de sus vidas en otros espacios de la ciudad, además de revelarme que nuestros tiempos transcurrieron de diferentes maneras. Consideración de mi propio punto de observación en el contexto de la “cuarentena” a través de la experimentación de modos de hacer y narrar a través de mapas que me permitan pensar a través de imágenes.

Nosotros, — estos trabajadores y yo —, somos los personajes, para mapear estas experiencias, me inspiraré en la idea de montaje (JAQUES, 2018) de manera que abordaré aquí los mapas como imágenes que se pueden montar y desmontar para construir un cuadro sinóptico que narre el espacio y sus relaciones. Ensayando, de esta forma, mapas que abordan el espacio urbano de forma no lineal, más heterogénea y polisémica, sin pretensiones de realismo o mimetismo y que asumen la complejidad de las relaciones socioespaciales, respetando o incluso provocando estructuras de tiempo heterogéneas y desiguales, espacio y cuerpos.

Para producir gráficamente estos mapas, estoy haciendo una serie de “tipias”, tomando como referencia los “tipias urbanas” (CAÚLA, 2019): una herramienta metodológica que me permite pictogramar (RISLER y ARES, 2013) varios montajes y desmontajes, que por sus características icónicas son capaces de sintetizar gráficamente algún aspecto recurrente en el estudio urbano. Además, considero que este método sobre el terreno me permite analizar los diferentes procesos urbanos a través de imágenes, lo que me permitirá montar, desmontar, remontar nuevas imágenes, nuevos mapas con narrativas diversas de manera sinóptica al combinar las tipias de diversas maneras, teniendo en cuenta los cuatro elementos que siempre están presentes en cualquier historia —lugares, eventos, personajes y tiempos.

Se trata, de usar las tipias “escribir con imágenes”, a través de un lenguaje semasiográfico (BOONE, 2010), organizando y sintetizando gráficamente la recolección de datos que vengo haciendo desde mi observación y diálogos con interlocutoras e interlocutores, de manera continuada y relativamente inmóvil (en comparación la movilidad con las trabajadoras y los trabajadores que todos los días vienen a hacer mantenimiento y limpieza) en el edificio donde vivo en esta “nueva realidad” de la pandemia de la covid-19. Espero que de esta manera consiga narrar y pensar las movilidades e inmovilidades que juzgo cuestiones importantes de la pandemia, correlacionándola a tiempos, personajes y acontecimientos que logro observar. A partir del montaje de mapas por medio del uso de tipias creo poder presentar un muestreo de la heterogeneidad de las vivencias, teniendo en cuenta la posibilidad de pensar, hacer y narrar alrededor de lo normalmente silenciado y no narrado en los mapas más tradicionales.

REFERÊNCIAS

BOONE, E. *Relatos en rojo y negro*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2010.

CAÚLA, A. *Trilogia das Utopias Urbanas*. Salvador: EdUfba, 2019.

GIRARDI, G. Leitura de mitos em mapas: um caminho para repensar as relações entre Geografia e Cartografia. *Geografares*, v. 1, n. 1, p. 41-50, 2000.

HARLEY, J. B. Mapas, conocimiento y poder. In: LAXTO, P. (Comp.). *La nueva naturaleza de los mapas*. Fondo de Cultura Económica, (1988) 2005. p. 79-111.

HARLEY, John Brian et al. (Ed.). *The history of cartography*. Chicago: University of Chicago Press, 1987

JACQUES, P. B. Pensar por montagens. In: JACQUES, P. B.; PEREIRA, M. S. (Org.) *Nebulosas do pensamento urbanístico*. Salvador: EdUfba, v. Tomo - 1: modos de pensar, 2018. p. 206-234.

KATUTA, A. A(s) natureza(s) da e na cartografia. In: SEEMANN, J. (Org.) *A aventura cartográfica*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.

RISLER, J.; ARES, P. *Manual de mapeo colectivo*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2013.

ROCHA, O. *Narrativas cartográficas contemporâneas nos enredos na colonialidade poder*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Curitiba: Universidade Federal de Paraná, 2015.

SANTOS, B. S. *A crítica da razão indolente*. Edições Afrontamento, 2000.

Leonardo Vieira de Souza

Graduação

Orientadora: Paola Berenstein Jacques

Ano de ingresso: 2014

Pesquisa Coletiva: Cronologia do Pensamento Urbanístico

Linha de pesquisa: Historiografia e pensamento urbanístico

ALMANAQUE ALMANAQUE

Esta não é uma pesquisa que se propõe definir ou concluir algo, chegar em algum destino final, e sim movimentar pensamentos por travessias, processos, experiências, tempos e lugares diferentes. Proponho um impresso cuja leitura se dá por viagens. No sacolejo dos trajetos os fragmentos e montagens podem se lançar e se aventurar em novas perspectivas, rotas. Comumente toma-se um dramín caso sinta tontura ao ler algo com tantos fios soltos que propõem incessantemente novas viagens. Indico que tome, pois são exatamente os fios soltos que nos interessam.

“Qualquer viagem, por princípio, atravessa fronteiras e limites de vários tipos - não são somente geográficos, entre lugares, mas também, e sobretudo, entre tempos distintos, o que os relaciona à questão da memória, voluntária ou involuntária” (JACQUES, 2021, p. 218) e exige do viajante saltos, riscos, coragem para atravessar o desconhecido e, a partir da expectativa da própria viagem e do estranhamento com os objetos, criar novas possibilidades de apreensão e de projeção¹ de cidades e dessa forma, nos casos específicos das viagens que proponho me aventurar, buscar novos passaportes para pensar também as práticas e a formação profissional da arquitetura e do urbanismo.

ALMANAQUE • almanakh; al manaj [árabe] - o círculo dos meses; manaj - manacus

PESQUISAS INDIVIDUAIS

[latim] - o círculo do relógio solar que marca a sucessão dos meses. manacus manacus também é um pássaro que voa das guianas à argentina. VIAGEM • jornada; aventura; experiência; memória / uma garrafa de vidro que é lançada hoje, viaja com um bilhete dentro e é pega em algum lugar pelo futuro / lançar-se a. PROJETO • ação de lançar para a frente, de se estranhar. projeto projetivo: um livro, uma viagem, um livro sobre viagens - projeto projetivo nômade [desen]formativo. ALMANAQUE ALMANAQUE • narrativas entrecruzadas, modos de pensar, fazer e narrar cidades através de viagens. cidades/projetos/urbanismos.

O mistério que encobre o detalhe, o véu que apaga e afasta e seduz, desmanchando a cronologia do tempo, são a meta do homem, porque oferecem novidade e juventude eterna. São forças que falam e que possuem uma sequência anímica tão vigorosa quanto a do próprio homem. [...] Durante a minha viagem fiz uma razoável coleção de papel higiênico dos países atravessados. (CARVALHO, 2014 [1936], p. 58)

Dentro de algumas centenas de anos, neste mesmo lugar, um viajante, tão desesperado quanto eu, pranteará o desaparecimento do que eu poderia ter visto e me escapou. [...] O profundo edifício que construiu com esses fragmentos oferece a meus passos um equilíbrio mais estável, um desenho mais claro para minha vista. Uma ordem substituiu-se a outra. Entre essas duas escarpas que mantêm distanciados meu olhar e seu objeto, os anos que as destroem começaram a acumular os destroços. As arestas vão se arredondando, pedaços inteiros desabam; os tempos e os lugares se chocam, se justapõem ou se invertem [...]. (Lévi-Strauss, 1996 [1955], p. 44)

VIAGENS: • Tenho a lembrança (ou um sonho) de um dia, criança, ter visto um zeppelin voando no céu de Citrolândia mas não sei se realmente aconteceu. Também não estive em Salvador em 1930, quando um realmente passou por aqui. Mas tenho uma memória que sempre volta ao fazer associações em torno da minha formação de arquiteto urbanista, quando minha mãe na cozinha, fazendo

alguma receita de manhã, comenta sobre a falta de um ingrediente. Foi uma distância considerável para uma criança de sete anos que decidiu pela primeira vez se aventurar na descoberta de outras possibilidades de apreender o lugar onde crescia, para comprar batatas. Citrolândia sempre foi distante (do Centro) de Betim, que também sempre foi distante de Belo Horizonte. Mas depois da aventura por batatas em 2003, os deslocamentos, as rotas, os desvios, as viagens me pareceram caminhos possíveis para as minhas criações e também um processo de contínua formação e que me trazem até Salvador em 2014.

- Na europa em 1934, “[...] talvez [encontre] o acaso das coisas os resíduos que iluminarão o seu pensamento. O peixe dentro do mar nada sabe do voo nupcial da abelha, nem das ideias de um comandante de navio, mas poderá um dia entrar em contato com os ossos de um homo sapiens e ponderar sobre os ossos.

[...] As forças cósmicas e as forças traumáticas, os grandes quadros de feridas requerem talvez “mais” que as profundezas do inconsciente para o seu reconhecimento... requerem a intuição poética do ‘começo das coisas”[1].

PROJETO[S]: • AMÉRICAS panamérica, américa, américa latina > Congressos Pan-Americano de Arquitetos e Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna, as disputas e a circulação americana de ideias no campo disciplinar da arquitetura e do urbanismo.

- Em 1929, “tentei a conquista da América devido a um motivo implacável e uma grande ternura que dediquei às coisas e às pessoas; compreendi, entre esses irmãos separados de nós pelo silêncio de um oceano, a existência de escrúpulos, dúvidas, hesitações, assim como as razões que motivam o estado atual de suas manifestações, e confiei no dia de amanhã. Sob uma tal luz nascerá a arquitetura.” [2];

- A CIDADE DO HOMEM NU “a cidade americana não é mais a cidade-fortim da conquista. Ela será a cidade geográfica e climatérica, a cidade do homem nu, do homem com raciocínio livre e eminentemente antropófago” [3].

- Em SALVADOR “a civilização surge como um fantasma estranho; os habitantes da cidade paralisados entre as frestas dos cubos cultivam o temor das coisas estranhas, das coisas que podem perturbar o sono secular, romper o fio de uma aranha ou o

PESQUISAS INDIVIDUAIS

zumbido de uma mosca.

A fresta é tão cômoda e tão compatível com a falta de aventura e com a imobilidade; tem o aconchego do útero, mexer na fresta seria o mesmo que sair do útero e exercer um grande esforço aventureiro, um esforço meloso, entrar em contato com o mundo da luz, o mundo do perigo e da novidade.

[...]

Os objetos estranhos, os objetos da claridade surgem do não sei donde; é o modo da civilização. Como prismas transparentes sem fim penetram e rasgam as frestas, ninguém sabe donde surgiram, como surgiram, nem pra onde vão, o negro em movimento interrompe o seu gesto e imóvel semiagachado contempla o prisma misterioso... a sua atitude perpetua-se e o seu pensamento se transforma em história” [4].

[1] CARVALHO, Flávio de. Os ossos do mundo. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014, p. 52.2.

[2] CORBUSIER, L.e. Precisoões . Sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo. Coleção Face Norte, volume 06. São Paulo, Cosac Naify, 2004, p. 31.

[3] CARVALHO, Flávio de. A Cidade do Homem Nu. In: Diário da Noite, São Paulo, 1930.

[4] CARVALHO, Flávio de. Os ossos do mundo. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014, p. 29.

NOTAS

1. A principal ideia do projeto ALMANAQUE ALMANAQUE é questionar a noção de *Projeto Projetivo*, muito ligado ao desenho técnico e tão evidenciado durante nossa formação e exigido como produto final do trabalho de conclusão da nossa moderníssima FAUFBA; propondo, como questionamento e provocação, outras leituras críticas a partir de narrativas entrecruzadas de viagens, outros modos de pensar, fazer e narrar cidades, atravessando cidades, projetos, urbanismos. A continuação do texto deste resumo é uma grande viagem

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Flávio de. A Cidade do Homem Nu. In: *Diário da Noite*, São Paulo, 1930.

_____. *Os ossos do mundo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

CORBUSIER, Le. *Precisões*. Sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo. Coleção Face Norte, volume 06. São Paulo, Cosac Naify, 2004.

JACQUES, Paola Berenstein. *Pensamentos Selvagens: montagem de uma outra herança* v.2. Salvador: EDUFBA, 2021.

Gábe Maria Pires dos Santos

Mestrado

Orientadora: Margareth da Silva Pereira

Ano de ingresso: 2021

Pesquisa Coletiva: Arquivo Laboratório Urbano

Linhas de pesquisa: Apreensão crítica da cidade contemporânea /

Estética, corpo e cidade

CORPOGRAFIAS URBANAS EM PERFORMANCE:

**performance como categoria analítica da ação evocadora
da experiência urbana**

A pesquisa parte de inquietações surgidas da busca pelo entendimento dos sentidos construídos na coimplicação entre corpo e cidade na contemporaneidade. Meu desejo é tensionar maneiras de refletir sobre a memória corporal grafada nos gestos através da experiência urbana e das práticas corporificadas, sua efetivação e enunciação pelas/nas corpografias urbanas. Para isso, proponho a abertura de um espectro método-epistemológico tomando a performance como um modo de fazer e pensar as relações corpocidade.

Nos estudos da performance, o corpo e as corporalidades ocupam lugar central dos discursos e da formação do pensamento teórico, compreendendo as práticas instituídas fundamentalmente pela ação. Por vias da performance, é possível que as práticas corporificadas da cidade encontrem a potência instauradora e de agência pela simples presença das corporalidades que enunciam, em ação, a transformação do espaço urbano em temporalidades de um contínuo mover.

Considerando a performance enquanto categoria analítica da ação evocadora

da experiência urbana, num cruzo hibridizado com as proposições realizadas por pesquisadoras do campo dos estudos urbanos e do urbanismo, intenciono complexificar as compreensões coimplicadas entre corpo e cidade construindo uma experiência performática empírica e experimental. Sob esse prelúdio, a experiência urbana e, portanto, a própria cidade têm sua realização numa temporalidade pendular, que acontece em performance.

As professoras Paola Berenstein Jacques e Fabiana Dultra Britto (2012) constroem a compreensão de que o corpo em movimento faz surgir em si mesmo inscrições que se registram em diferentes escalas de temporalidade e o configuram em sua corporalidade. Como registro da experiência urbana, as corpografias são como a própria memória inscrita no corpo praticante da cidade, a cidade construída na experiência. Fazer do corpo errático uma expressão performativa e da experiência urbana uma construção performática parece ser um caminho para compreender as corpografias realizadas pelas/nas ações dos corpos na cidade, as espacialidades e temporalidades instauradas e um sentido de memória que é remontada nos gestos urbanos corporificados.

Performance não é uma noção simples de ser conceituada ou delimitada, pois acumula muitos usos e distintos entendimentos em seus variados esforços de pesquisa. Desde o início das discussões da performance enquanto categoria analítica na antropologia nos anos 1970, passando pela compreensão a partir do teatro e através das artes até suas investigações mais recentes, a noção vem sedimentando seus diferentes significados que podem ser movimentados de acordo com a perspectiva abordada. Encontra-se no limiar, na fronteira, no trânsito e cruzamento de diferentes campos disciplinares, tendendo sempre ao alargamento de seus limites.

Os tantos olhares conferem à performance múltiplas camadas que se complexificam e se sustentam justamente por suas conexões, contradições e fricções produtivas. Desse modo, os estudos da performance se constituem como um vasto campo de pesquisa de linguagem e expressão. Por significar, “simultaneamente, um processo, uma práxis, uma episteme, um modo de transmissão, uma realização e um modo de intervir no mundo” (TAYLOR, 2013, p. 16), pensar por vias da performance possibilita amplitude e fluidez. Por causa das contradições próprias, das confusões

PESQUISAS INDIVIDUAIS

que abarca, das ambiguidades entre o fazer artístico e as práticas cotidianas, a noção acaba por ser uma via estratégica como escolha de pesquisa.

Diz, ainda, das múltiplas temporalidades porque constroem, através da ação, lógicas divergentes no espaço-tempo com forças de agenciamento e mobilização que reverberam nos corpos envolvidos. O que se reconhece enquanto comum na maioria das abordagens é que a performance é possibilitada pelo encontro entre diferentes sujeitos em variadas formas de interlocução, nas quais se identificam criação, questionamento e negociação (VAZ, 2014, p. 257), e é percebida enquanto ação que privilegia a presença, estando aberta a inúmeros atravessamentos.

A performance se dá nos movimentos presentificados do corpo, em acontecimento vivo, ritualizando o tempo-presente e o momento da ação, a instauração do ato e sua mobilização. Ela cria um *topos* de experimentação, um novo corpo construído em relação no aqui-agora, que remete a um lugar físico e um lugar filosófico (COHEN, p. 116). Como espaço para construção de uma linguagem, encruzilhada de experimentação e pesquisa, há uma forma de pensamento-ação possível a partir da performance, capaz de compreender o ato performativo na experiência empírica para apreensão da cidade.

Para Schechner (apud MARTINS, 2003; TAYLOR, 2013), performance é “comportamento restaurado” e todas as atividades humanas podem ser analisadas como performances. Essa “restauração de comportamento” diz respeito a um exercício de trazer à tona memórias corporais, recordando nos movimentos e gestos do corpo experiências que nele foram inscritas anteriormente. “Através do estudo dos movimentos e gestos do corpo (padrões corporais de ação) poderíamos decifrar suas corpografias e, a partir destas, a própria experiência urbana que as resultou.” (JACQUES, 2008). As corpografias urbanas, em performance, podem ser uma maneira de compreender a coexistência dos distintos tempos da cidade grafados no corpo, uma forma de resgate da experiência urbana na articulação de seus fragmentos através dos gestos e das corporalidades.

Me interessa, assim, pensar os deslocamentos temporais realizados nos gestos e registrados na espiral do tempo, os sentidos que relacionam o corpo ao espaço e à memória e a memória ao espaço e às corporalidades, e as possibilidades de compartilhamento através da performatização dos gestos em narrativas

corporificadas.

REFERÊNCIAS

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. Corpo e cidade: coimplicações em processo. *Revista UFMG*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1 e 2, p. 142-155, jan./dez. 2012.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. *Vitruvius*. Arqtextos, 8, 2008.

MARTINS, Leclá. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. In: *Revista Letras*, n. 26. PPGL-UFSM, Santa Maria, p. 63-81, 2003.

TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório. Performance e memória cultural nas Américas*. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

VAZ, Adriana. Nas tramas da cidade: arquitetura e performance. In: CHAUD, E; SANT'ANNA, T. F. (Orgs.). *Anais do VII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: [Com]textos*, Goiânia, GO: UFG, FAV, p. 257-267, 2014.

Dilton Lopes de Almeida Júnior

Doutorado

Orientadora: Paola Berenstein Jacques

Ano de ingresso: 2018

Pesquisas Coletivas: Cronologia do Pensamento Urbanístico /

Cidade, Corpo, Canção

Linhas de pesquisa: Historiografia e pensamento urbanístico

A TABA CONTEMPORÂNEA DE BRASÍLIA:

imagem, cidade e paisagem através das Exposições

Internacionais entre 1922 e 1972

C O N S T
R U I R E
S O B R E
C O N S T

Aqui tudo parece
Que era ainda construção

E já é ruína

Caetano Veloso

brasilía são as ruínas
de machu picchu
invertidas, cuzco
reconstruída, tiahuanaco
inacabada, pirâmide de
teotihuacán ao contrário,
palácio do altiplanalto,
cidade perdida dos candangos
a esfinge fita seu espelho, jk
as linhas do eixo monumental
são continuação
das linhas de nazca

Nicolas Behr

Propõe-se como corpus de reflexão para a construção desta pesquisa em processo as reverberações e circulações do pensamento urbanístico que podem ser observadas nas Exposições Internacionais, Bienais e Feiras Internacionais entre 1922 e 1972, clivadas a partir de 1960 pela construção de Brasília. Para tanto, nos debruçaremos sobre as exposições que possuem relações com a trajetória intelectual e o pensamento do arquiteto e urbanista brasileiro Lucio Costa. Deste modo nos aproximaremos não somente dos projetos urbanos de sua autoria mas deslocaremos também outros campos disciplinares que margeiam a sua produção, repensando, portanto, a sua própria trajetória intelectual e o papel das exposições na constituição dos saberes, campos e imaginários urbanos.

Adrian Gorelik (2005), atento a Oscar Niemeyer como um construtor de logotipos urbanos, estabelece a construção de Brasília como ponto de clivagem para a arquitetura e urbanismo, ao compreender a cidade como um museu da modernidade, quer seja por fazer figurar uma autoconsciente capacidade simbólica ou por reivindicar, desde o princípio, seu estatuto tanto como obra de arte quanto como obra de urbanismo. O historiador argentino nos lembra que patrimonializada trinta anos após a sua fundação, a cidade parece tornar-se dispositivo cultural, assim como os museus, na medida em que apropria-se de “valores “modernos” convertidos em motores de comunicação e em objetos de veneração museográfica”. (GORELIK, 2005, p. 56). Por sua encruzilhada particularíssima, Brasília ademais, demonstra que a cidade, a nação e suas figurações produzem-se mutuamente.

Para os integrantes da Internacional Situacionista (2003, [1961]), a construção da moderna capital brasileira foi capaz de revelar o pleno desenvolvimento de uma arquitetura para funcionários, instrumento e microcosmo da *Weltanschauung* burocrática cujo cenário fora construído por um capitalismo planificador. Diante do projeto da cidade, o grupo adverte em sua “Crítica ao Urbanismo” que uma prática como a publicidade tão essencial para este capitalismo tende a desaparecer na maioria de seus suportes. “É possível que o urbanismo seja capaz de fundir todas as antigas publicidades numa única publicidade do urbanismo.” (IS, 2003 [1961], p. 136) Museu de si mesma, a cidade fundada *ex nihilo* e exposta ao mundo, torna-se simultaneamente mito fundacional, simulacro publicitário da modernidade nacional e dispositivo modernizador para o país.

PESQUISAS INDIVIDUAIS

Estes atravessamentos parecem-nos ser fundamentais tanto para compreender a construção de Brasília quanto para o entendimento da emergência das próprias exposições universais, mostras e feiras internacionais enquanto fenômenos da modernidade, por atuarem como plataformas propagandísticas de nacionalismos. Se tomarmos, por exemplo, as primeiras edições da Trienal de Milão, no início do séc. XX, nomeadas a princípio como Mostras Internacionais de Artes Decorativas, veremos a Itália e outros países expondo em edições efêmeras e calendarizadas, o que havia de mais moderno na realização nacional da pintura e da escultura, mas também das artes já atravessadas pela industrialização: a produção editorial, a propaganda, a cerâmica. É a partir dos anos de 1930, já em formato de Trienal, que a arquitetura e o urbanismo emergem ao lado destas artes, na exposição de cidades planejadas, projetos arquitetônicos e transformações urbanas.

Visamos compreender se tanto as cidades, suas imagens, paisagens e transformações urbanas, como as próprias exposições podem ser entendidas enquanto dispositivos modernizadores a alicerçar nacionalismos a partir de processos espetaculares e por meio de uma imaginação museológica, como nos faz refletir Benedict Anderson (2009). Ao redefinir a anomalia dos nacionalismos como comunidades políticas imaginadas, limitadas e soberanas, Anderson cria novas frestas para o entendimento destas forjas, ao valerem-se de histórias particulares que são consagradas como nacionais por meio de um capitalismo editorial - calcado na tecnologia da comunicação do impresso e no usufruto de instrumentos como o censo (quantificação e serialização abstrata da natureza dos seres humanos), o mapa (geografia e racionalização do espaço político) e por fim, o museu (generalização ecumênica da nação).

Diferentemente de Anderson que se centrou na investigação de impressos letrados, em romances e jornais, quando propormos as exposições como corpus, visamos entrever como os nacionalismos são também constituídos através da circulação efêmera de determinadas imagens, de paisagens e de suas transformações urbanas; basta rememorarmos as muitas transformações, reformas e modernizações realizadas em diversas cidades ocidentais que foram possíveis e justificadas pela realização das próprias exposições e nas consequentes circulação destas imagens.

Para compreendermos as constituições de um Brasil moderno dentro do circuito

destas exposições, propomos escavar os documentos das seguintes edições atravessadas pela trajetória intelectual de Lucio Costa:

I. Exposição Internacional do Centenário da Independência de 1922: ano de formação de Lucio Costa na Escola Nacional de Belas Artes; trabalha como desenhista na Firma Rebecchi e no escritório Técnico Heitor de Mello, dirigido por Archimedes Memória, o responsável por importantes projetos no Rio de Janeiro, entre os quais os principais edifícios da Exposição Internacional do Centenário da Independência em 1922. Lucio Costa participa do projeto para o Pavilhão das Grandes Indústrias, construído em estilo neocolonial, então bastante praticado em diversos países da América Latina. Nessa época, o jovem estudante envolve-se, inspirado em grande medida por seu professor e líder do movimento neocolonial, José Mariano Filho, no movimento pela criação de uma arquitetura nacional, inspirada nas construções do Brasil colonial;

II. Exposição Internacional de Filadélfia de 1925: junto com Néreu de Sampaio, Lucio Costa é premiado em primeiro lugar no Concurso para o pavilhão brasileiro;

III. Feira Mundial de Nova Iorque de 1939: Costa projeta com Oscar Niemeyer o pavilhão brasileiro;

IV. XIII Trienal de Milão de 1964: após um projeto inconcluso da exposição “A arte do Brasil” a ser realizado no Petit Palais em Paris, Costa é convidado a projetar o pavilhão brasileiro da XIII Trienal cujo tema era o Tempo Livre;

V. Projeto inconcluso para a World Expo 72: após o projeto de Costa para a urbanização da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, estudou-se a realização de uma nova Exposição Universal de modo fomentar a ocupação da região dando visibilidade internacional ao recente vetor de expansão urbana.

Arriscamo-nos a investigar nestas edições, imagens de cidade e paisagens que corroboram na constituição dos nacionalismos, tanto na movimentação de estratos temporais a forjar tradições como nos esforços modernizadores, reformadores ou até mesmo destruidores de sua memória. Interessa-nos sobretudo, os desvios e sobrevivências anacrônicas de tempos primevos que perseveram apesar do recalque, e que nos contam sobre as tragédias, falências e ruínas destes esforços.

PESQUISAS INDIVIDUAIS

Talvez, estivessemos tentados a demonstrar a encruzilhada benjaminiana de que todo documento da cultura é simultaneamente um documento da barbárie (BENJAMIN, [1940] 2012) e desse modo, também a reivindicar que “a historia da arte é a luta de todas as experiências ópticas, espaços inventados e figurações.” (EINSTEIN, [1929] 2016, p. 7). Nos perguntamos como entrever nestas exposições, em suas pulsões museológicas e espetaculares, a circulação das imagens, paisagens e transformações urbanas como expressões utópicas de uma modernidade na encruzilhada entre vanguarda e antivanguarda, modernidade e colonialidade, modernismo e primitivismo, progresso e ruína?

REFERÊNCIAS

- ALEIXO, R. Poética. In. *Pesado demais para a ventania*: antologia poética. São Paulo: Todavia. 2018
- ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo, SP : Companhia das Letras, 2009.
- BEHR, N. *Laranja Seleta*. Rio de janeiro: Sete Letras: 2007.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de História In.: *Obras Escolhidas I*: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012
- EINSTEIN, C. *Documents*: 1929. Desterro [Florianópolis]: Cultura e barbárie, 2016.
- GORELIK, A. *Das vanguardas a Brasília*: cultura urbana e arquitetura na América Latina. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- INTERNACIONAL SITUACIONISTA (FRANÇA).; JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da deriva*: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro, RJ: Casa da Palavra, 2003.
- VELOSO, C. Fora da Ordem In: *Circuladô*. Rio de Janeiro (Estúdio PolyGram) e Nova Iorque (East Hill Studio). 1 CD. Faixa 1. 5'54', 1991

Alyssa Volpini Lustosa

Graduação (FAUFBA / UnB)

Orientadora: Maribel Fuentes

Ano de ingresso: 2019

Pesquisa Coletiva: Cronologia do Pensamento Urbanístico

Linha de pesquisa: Historiografia e pensamento urbanístico

MONTANDO O FERRO'S BAR:

o direito à Memória Lésbica no Brasil

Montando o Ferro's Bar: O direito à Memória Lésbica no Brasil, busca discutir e potencializar a memória do ativismo lésbico a partir do Ferro's Bar, local referência entre as décadas de 60 e 90 para encontro e sociabilização de lésbicas. O objetivo principal da pesquisa é trazer como manifesto e proposta projetual a (re) montagem desse espaço de memória, a partir dos vestígios de imagem e relatos de ex-frequentedoras do espaço. Sua fundamentação teórica utiliza elementos de pesquisas embasadas em teorias feministas e interseccionais, bem como estudos do campo da filosofia, antropologia, história da arte e da historiografia urbanística, explorando a sistêmica invisibilidade e marginalização de mulheres lésbicas durante a Ditadura Civil-Militar até os tempos atuais. Partindo de uma perspectiva feminista, este trabalho questiona não apenas o apagamento e invisibilidade das resistências lésbicas, mas também a base sexista, racista e classista que o determina.

Palavras-chaves: memória lésbica, feminismos, lesbianidades, Ferro's

Silvana Lamenha Lins Olivieri

Doutorado

Orientadora: Paola Berenstein Jacques

Coorientador: Thiago Mota Cardoso (DAN/UFAM)

Ano de ingresso: 2020

Pesquisa Coletiva: Cidade, Corpo, Canção

Linha de pesquisa: Apreciação crítica da cidade contemporânea

GUERRA DE MUNDOS NA CIDADE

O mundo que você e Don Juan pintaram é cheio de coiotes mágicos, corvos encantados, e magníficos guerreiros. É fácil de ver como ele pode lhe atrair. Mas, e em relação ao mundo de uma pessoa urbana moderna? Onde está a mágica nele? Se todos nós pudéssemos viver em montanhas talvez conseguíssemos manter o mistério vivo. Mas como poderemos fazer isso se estamos perto de uma estrada?

Sam Keen

Uma vez formulei a mesma questão para Don Juan. Nós estávamos sentados em um café em Yuma e insinuei que eu poderia me tornar apto a parar o mundo e ver, se pudesse viver no ermo junto com ele. Ele olhou para a janela, viu os carros passando e disse: “Ali, lá fora, é o seu mundo”.

Carlos Castañeda

Animismo é um dos primeiros conceitos da antropologia, introduzido em 1871 pelo evolucionista inglês Edward B. Tylor no clássico “*Primitive Culture*”, ressurgido das cinzas nos anos 1990, através de Philippe Descola. Sabemos hoje que não estamos lidando com uma crença sobre o mundo, como pressupunha

a velha noção tyloriana, nem com uma mera forma de conhecer o mundo, uma epistemologia. É uma condição de existência no mundo, isto é, um tipo de ontologia de caráter relacional, contrapondo-se ao esquema dualista que prevalece há quase cinco séculos no Ocidente, fundado na separação entre humanidade e natureza e na ideia de um “mundo único”. Trata-se da experiência de existir em um mundo “encantado”, onde tudo tem agência e subjetividade, tudo “se liga, tudo é solidário, tudo repercute em tudo” (Hampatê Bâ, 2010)¹, configurado como uma “teia” de vidas emaranhadas (Ingold, 2013), ou ainda uma “tapeçaria de ser/devir compartilhada”, que se “ramifica entre criaturas” (Haraway, 2011), imagens que remetem ao conceito de “rizoma” - Stengers (2012) define animismo justamente como “arte rizomática” de “criação de conexões”.

Essa concepção mágica de mundo ou de natureza era bastante comum na Europa, até se tornar um empecilho na transição para o capitalismo, no fim da Baixa Idade Média. A “caça às bruxas” foi um dos mais terríveis episódios da guerra promovida pelas elites europeias não só contra o animismo e a magia mas também contra as mulheres, a fim de aniquilar tudo e todos que pudessem ameaçar seu projeto político e econômico (Federici, 2017). Com a colonização, essa “guerra de mundos” chega às Américas, inicialmente de forma declarada e explícita, contra as “idolatrias”. Do século XIX em diante, vira uma guerra velada e silenciosa, empreendida em nome do progresso, do civilizado, do moderno, contra o atraso, o obsoleto, o selvagem, no fundo contra aqueles que teimavam em ignorar a separação entre natureza e humanidade, considerados “humanos inferiores” (De la Cadena, 2018). É quando entram em cena as intervenções de “modernização” urbana e o campo do urbanismo, atuando para a desarticulação e a destruição dos mundos relacionais “mais-que-humanos” nas cidades. Já era essa a visão de Freyre (1987 [1955]), acusando a instalação da iluminação a gás pelo “golpe quase de morte” no domínio que exerciam as “almas dos mortos, os lobisomens e mulas-sem-cabeça” sobre as ruas escuras do Recife, que, em meados do século XX, apesar da luz elétrica e de “outras luzes”, continuava existindo, subsistindo, persistindo “como cidade com alguma coisa de cidade onde o mundo não é só o de homens”.

Embora os mais velhos venham nos alertando há décadas que os encantados estão sumindo dos lugares que deveriam guardar, que o encanto está sendo quebrado², no fim de 2018 um ser misterioso, apelidado de “homem-peixe” e “sereio de Itapuã”,

PESQUISAS INDIVIDUAIS

causou assombro em Salvador. “Esse nego d’água já apareceu aqui há mais de dez anos do mesmo jeito. Aparecia, mergulhava e voltava”, comentou um garçom que trabalhava há mais de trinta anos numa barraca na praia do Farol, reconhecendo o encantado que costuma proteger os rios, brincar com pescadores e beber cachaça. Para nossa sorte, a “guerra de mundos” não foi totalmente vencida nas cidades, ainda “tem jogo”.³

NOTAS

1. O que Tylor denominou de “alma”, o africano “tradicional” concebe como uma força, poderosa “fonte de existência e motor de ações e movimentos de seres” cujo desequilíbrio causa distúrbios, restaurando-se o equilíbrio pela ação mágica e, muitas vezes, por matanças rituais. Nesse sentido, magia seria basicamente a manipulação das forças que animam o mundo, “em si uma coisa neutra, que pode se tornar benéfica ou maléfica conforme a direção que se lhe dê”, explica Hampatê Bâ.
2. Gandon (2018) observa, entre os moradores mais idosos de Itapuã, a noção de que “os encantamentos desaparecem quando não existe mais o respeito pelo lugar no qual eles se manifestam”.
3. Expressão de Luiz Antônio Simas no Festival Cajubi, após dizer que “a grande perna da que o colonizado dá é transformar o projeto de extermínio em jogo”. Ver <https://www.youtube.com/watch?v=CpiYxeGeZjo>

REFERÊNCIAS

- DE LA CADENA, Marisol. “Natureza incomum: histórias do antropo-cego”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n.69, p.95-117, 2018.
- ESCOBAR, Arturo. “Territórios de diferença: a ontologia política dos ‘direitos ao território’”. *Desenvolvimento e meio ambiente*, v.35, Curitiba, 2015.

FEDERICI, Sílvia. *Calibã e a bruxa*: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FREYRE, Gilberto. *Assombrações do Recife Velho*. Rio de Janeiro: Record, 1987 [1955].

Eliana Rosa de Queiroz Barbosa

Pós-Doutorado

Supervisão: Paola Berenstein Jacques

Ano de ingresso: 2021

Pesquisa Coletiva: Arquivo Laboratório Urbano

Linha de pesquisa: Apreciação crítica da cidade contemporânea

HABITANDO VALORES UNIVERSAIS

cotidiano, resistências e permanências nos sítios

Patrimônio Cultural Mundial UNESCO

Abordo o cotidiano e o “habitar” os sítios urbanos classificados como patrimônio cultural mundial pela Unesco através do caso do bairro Santo Antônio Além do Carmo, em Salvador. Partindo de uma oposição entre as lentes conceituais do afeto e da patrimonialização, observo as dinâmicas sociais e culturais que apresentam interlocução com a materialidade da cidade. Aqui, procuro desvelar, através da experiência urbana, o nexos entre as diretrizes do patrimônio mundial, as políticas urbanas, a gestão do patrimônio e a dimensão do “habitar” nos sítios classificados, abordando as noções de memória e herança e cotidiano, problematizadas criticamente ao tratarmos de processos de espetacularização do patrimônio colonial. Essa questão é particularmente relevante no contexto abordado, Salvador, cujas áreas históricas são constantemente contestadas e permeadas por manifestações culturais afro-brasileiras, invocando as noções de herança e ancestralidade africana.

A fim de alcançar esse objetivo, proponho aqui a construção de uma perspectiva crítica do que aqui denomino como urbanidade brasileira, articulando-a aos macroprocessos e aos discursos e práticas desenvolvimentistas e patrimonialistas – tendo aqui a chancela e a agenda UNESCO para sítios classificados como

patrimônio mundial – e as micronarrativas que revelam como esses espaços são habitados, as questões relacionadas a noção de afeto encontradas no ato de habitar espaços sobre os quais se reivindicam “valores universais”. O “habitar” aqui faz referência tanto a “uma proposta de lugar baseada em símbolos e valores de poder” (BARTOLONI, 2016:25), como também a noções como co-pertencimento, intimidade, e a produção de significado através de “laços emocionais e ritualísticos que transcendem explicações científicas e racionais” (Idem, 2016:21), entendendo que “a relação de constante e mútua troca sensorial e emocional entre coisas e indivíduos define um lugar” (Ibidem, 2016:21) e portanto, tratando-se de um objeto urbano, define sua urbanidade. Michel De Certeau (1990) é uma das principais referências teórico-metodológica para orientar a reflexão sobre as práticas culturais, os mecanismos de resistência cotidiana, e suas lógicas de “fabricação” da cultura – envolvendo, na mesma medida, produção e poética.

Os afetos vêm sendo mobilizados nos estudos urbanos de forma a tensionar a cidade praticada, como parte de um urbanismo crítico que pensa a cidade a partir das relações tecidas entre os seus praticantes e a materialidade. Ou entre seus corpos. Nesse sentido, para compor uma definição de afeto que abarca as práticas do Laboratório Urbano, apoiamos-nos nos textos de Jacques (2008, 2012), Britto (2008), Jacques e Britto (2008) apresentando as noções de incorporação, ressonância e ambientes de existência. Britto e Jacques (2008) através dos desdobramentos da noção de corpografia, atualizam a noção de afeto através da noção de incorporação e ressonância, encontros que vão além de um saber mundo: propõem o corpo fazedor de mundo. Jacques (2012, 2008) define a noção de incorporação, como ação ligada a materialidade física da cidade, entendendo-a, também como corpo, ou coletivo de corpos. A incorporação se dá, nessa relação entre corpos, em que corpo e cidade se configuram mutuamente mediante a experiência urbana: “além dos corpos ficarem inscritos nas cidades, as cidades também ficam inscritas e configuram os nossos corpos” (JACQUES, 2012). Essa relação entre carne e pedra que define a relação entre a noção de afeto e a experiência da cidade foi explorada por Britto (2008) como ressonância. Para Britto (2008) são “as propriedades distintas das coisas que estabelecem as suas condições de relacionamento com outras” e a ressonância se define como o sucesso desses procedimentos relacionais. Em conjunto Jacques e Britto (2008) explicitam esses ambientes de existência

PESQUISAS INDIVIDUAIS

como um processo de co-definição entre o corpo e o ambiente em que este corpo vive, cujo caráter criativo das suas relações e interações não permite pensar em mero ajuste adequatório. Aqui, tem-se ambiente entendido como um conjunto de condições para as relações acontecerem e a corporalidade entendida como síntese transitória desse processo contínuo e involuntário de relacionamento do corpo com seu espaço-tempo de existência.

A patrimonialização, por outro lado, aprisiona e fixa ambientes de existência, iluminando-os através dos holofotes da espetacularização. A patrimonialização é definida por Jeudy (2003a) como a gestão espetacularizada das ações de eleição e de conservação do patrimônio cultural, e por Jacques (2003) como o culto contemporâneo do patrimônio cultural urbano. Neste recorte, a patrimonialização se relaciona, portanto, tanto com o processo de culturalização das políticas urbanas e dos agenciamentos da arquitetura e do urbanismo, quanto da consequente espetacularização de áreas selecionadas das cidades assim e de práticas culturais. Dependente do conceito de patrimônio e de uma carga simbólica a ele atribuída, a patrimonialização está diretamente relacionada às noções de história, memória e identidade e de como elas são mobilizadas pelos fluxos globais de capital, contando com a mediação do estado e o suporte de agências e bancos internacionais. As chaves de leitura utilizadas – a noção de afeto e a noção de patrimonialização – são mobilizadas para a entrada no circuito do Santo Antônio além do Carmo, no centro antigo de Salvador.

O Centro Antigo de Salvador foi classificado como patrimônio cultural mundial em 1985, deflagrando a espetacularização do Pelourinho. Desde então, o Santo Antônio se mantém em movimento constante, entre novos e velhos moradores, em um forte senso de comunidade. Nos últimos anos o bairro enfrenta ameaças de especulação dos casarões em ruínas, e, simultaneamente vê a emergência de um circuito cultural e turístico, de uma revigorada vida noturna, e a multiplicação de novas práticas no bairro. Como resultado, múltiplos Santo Antônio emergem desse embate entre afeto e patrimonialização. Imbricados, o Santo Antônio das ruínas, da moda e da festa são apresentados como diferentes facetas que mobilizam a agência da materialidade em um permanente circuito – encruzilhada.

REFERÊNCIAS

BARTOLONI, P. *Objects in Italian Life and Culture*. London: Palgrave Macmillan, 2016.

BRITTO, Fabiana Dultra. A ideia de corpografia urbana como pista de análise. *Redobra*. Salvador, n. 12, p. 36-38, 2012. Disponível em: <http://www.redobra.ufba.br/?page_id=157>. Acesso em: 25 mar. 2022.

_____. Corpo e ambiente: co-determinações em processo. *Cadernos PPG-AU/FAUFBA*. Salvador, ano VI, edição especial – Paisagens do corpo, p. 11-16, 2008. Disponível em: <<http://www.laboratoriourbano.ufba.br/?publicacoes=caderno-2>>. Acesso em: 25 mar. 2022.

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. *CORPOCIDADE: debates, ações e articulações*. Salvador: EDUFBA, 2010.

_____. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. *Cadernos PPG-AU/FAUFBA*. Salvador, ano VI, edição especial – Paisagens do corpo, p. 79-86, 2008. Disponível em: <<http://www.laboratoriourbano.ufba.br/?publicacoes=caderno-2>>. Acesso em: 25 mar. 2022.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 21. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2014.

_____. Patrimônio Cultural Urbano: Espetáculo Contemporâneo? *RUA*, n.08, 2003, p. 32-39. Disponível em: <<http://www.laboratoriourbano.ufba.br/wp-content/uploads/2021/07/3229-7519-1-PB.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2022.

_____. Corpografias urbanas. *Arquitextos (Vitruvius)*. São Paulo, ano 08, n. 093.07, fev. 2008. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acesso em: 25 mar. 2022.

JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra; DRUMMOND, Washington (Orgs.). *Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea – Tomo II*. Salvador: EDUFBA, 2015.

JEUDY, Henri-Pierre. Maquinaria Patrimonial [Entrevista concedida a JACQUES, Paola B.] *RUA*, n.08, 2003, p.73-79. Disponível em < <http://www.laboratoriourbano.ufba.br/wp->

PESQUISAS INDIVIDUAIS

content/uploads/2021/07/3234-7524-1-PB.pdf> Acessado: em: 25 mar. 2022.

Gato Matos

Doutorado

Orientador: Pasqualino Magnavita

Coorientadora: Ariadne Moraes

Ano de ingresso: 2017

Linha de pesquisa: Estética, corpo e cidade

RODELAS E A MÁQUINA DO TEMPO:

a contenção como desvio memorial no São Francisco

O Rio São Francisco abriga uma relação tensa com os mecanismos de contenção e abertura no desenho do seu curso, como barragens, transposições, canalizações, dentre outras dobras extensivas ao projeto moderno de civilização. Mesmo com todos esses desvios de origem diversa, o São Francisco escapa e deságua no mar. Os efeitos sentidos por populações e cidades submersas pelo estrangulamento do rio nesse embate entre cultura e natureza são permanentes e semantizam transformações, deslocamentos e, por cadeia, norteiam a produção de novos sentidos e subjetividades, memórias e histórias. Os espaços liberados pela fricção dessas forças, especialmente na região de Rodelas, engolida pelo Rio São Francisco por conta da Barragem de Itaparica, levantam algumas questões. De que forma os sentidos espaciais se estabelecem? Como e quem tem o poder de transformar os espaços em lugares? Como se dá o espelhamento da paisagem de uma cidade submersa com a reconstrução de seus espaços e memórias num outro lugar? Em meio a condução desses problemas, o pesadelo pandêmico desaba sobre a pesquisa como mais um regime de contenções onde tudo parece ruir. A sombra compulsória dessa interdição desvia completamente os rumos do seu andamento ao inserir a variável das sensações e da imaginação como esperança metodológica

diante da clausura e impossibilidade de um trabalho campal. Entre mortes e ressurreições, a pesquisa decide se colocar em risco e experimentar. Entra em conflito com o objeto de estudo e suas relações de forças no espaço investigado, se perdendo numa espiral de temporalidades e paisagens, ao reinventar uma máquina temporal desarmada pela pandemia e adentrar, a distância, no universo memorial de Rodelas. Numa abordagem atípica, mas atenta à pertinência das histórias, sinais e direções, a pesquisa performa na sobreposição de duas Rodelas, suas simetrias e contradições, produzindo um mapeamento afetivo desse espaço ao trazer outras perspectivas e abordagens por meio da imaginação diante da barragem.

Cintra Arruda d'Alva

Doutorado

Orientadora: Paola Berenstein Jacques

Ano de ingresso: 2022

**O PROFISSIONAL SEM NOME:
caminhante, coletor e cartógrafo. Amante**

Quando eu queria adestrar um boi, a primeira coisa que eu fazia era tirar o boi do seu território ou confinar o boi no seu território. Mas estabelecia um limite. O boi só podia andar na mata por onde eu queria. Então eu fazia uma cerca, confinava ele ali dentro e tirava o boi do seu sagrado, da sua cosmologia, da sua relação com a natureza. E lhe botava um nome, um nome vazio, um nome fraco. [...] A arte de dominar é a arte de nomear.

Antônio Bispo dos Santos

A pesquisa parte do pressuposto de que, no momento da atual crise – sanitária, ecológica, política, econômica e urbana – nós, urbanistas, necessitamos de outro vocabulário para nomear procedimentos e atitudes que possam nos orientar a encontrar saídas para a dimensão urbana da crise. O que pode esse profissional além do que se cristalizou como sendo seu campo de ação? Que linguagens podem ser reclamadas também como suas? Que modos de ação podem ser torcidos? Que públicos alcançados? Mas, antes de tudo, que deslocamentos cognitivos e epistemológicos são necessários para rasurar os limites do campo?

A hipótese a ser demonstrada é a de que existe uma demanda de um profissional da cidade que, conjunturalmente, o mundo precisa agora. Isso passa por olhar

como o urbanismo é produzido como ciência e, como ciência, constrói ambientes artificiais para dar conta de falar supostamente de uma perspectiva neutra, portanto, mais universal, do mundo. O exercício de um urbanismo de dados, distanciado da relação com a cidade e com o corpo, é apenas um dos aspectos do modo de subjetivação dominante que generaliza para controlar. Isso passa, portanto por uma crítica à atitude científica dominante no campo do urbanismo que vem construindo narrativas à distância e a despeito das diferenças na cidade. Passa pela demanda da criação de narrativas distintas e por modos distintos de criá-las. Passa pela demanda de falar de uma perspectiva afetada e impactada pelo(s) mundo(s).

Pretende-se investigar abordagens e estratégias de pesquisadores de vários campos na tentativa de se aproximar dos mundos e “escutar” o que dizem. Abordagens que nos ajudem a colocar à prova os métodos usados pelos urbanistas para investigar a cidade. A questão central é nossa impossibilidade instrumental de se aproximar da cidade pelo mal uso do aparato que temos: nosso corpo. De partida, tendo como meta a perda do nome, um primeiro deslocamento é feito. O urbanista inicia essa travessia como um “habitante”. Investiga as possibilidades de apreensão da cidade a partir do próprio território onde habita: caminha, coleta, cartografa. Ama.

Lucas Maciel Araújo

Mestrado

Orientadora: Margareth da Silva Pereira

Ano de ingresso: 2021

Pesquisa Coletiva: Arquivo Laboratório Urbano

Línguas de pesquisa: Estética, corpo e cidade /

Historiografia e pensamento urbanístico

[SEM TÍTULO]

“Em todos nós ainda vivem os cantos escuros, vielas secretas, janelas fechadas, quintais esqueléticos, bares zoadentos e hospedarias sinistras. Nós andamos por essas ruas largas dessa cidade construída recentemente, mas nossos passos e olhares são incertos. Por dentro, vacilamos como antes nas ruas antigas da nossa miséria. Nosso coração não entende nada dessa ‘limpeza’ que se deu. A cidade judia velha e insalubre está muito mais dentro de nós e é muito mais real do que essa nova cidade higiênica ao nosso redor. Com nossos olhos abertos nós andamos como que em um sonho: somos só fantasmas de uma era que desapareceu.” (Franz KAFKA apud JANOUGH [1953], 2012, pos. 1230, tradução livre)

Nesses 20 anos de Laboratório Urbano, a noção de labirinto, estado labiríntico, labirintado, espaço-movimento, foi tematizada por diferentes pesquisadores a partir de uma bibliografia que inclui principalmente: Walter Benjamin (quando pensa sobre a flâneur, a memória, e o ato de se perder em uma cidade); A Internacional

Situacionista (*New Babylon*, labirinto enquanto jogo); Le Corbusier (com o *Museu do crescimento ilimitado*); Paola Berenstein Jacques (tanto na *Estética da Ginga*, como no *Elogio aos Errantes*), e Gilles Deleuze (Quando se põe a discutir essa noção em *A Dobra: Leibniz e o barroco*); A tematização do labirinto está muito ligada à experiência de cidade, um estado sensorial, extático, em que o corpo é aquele que performa o ato de se perder, que transforma a cidade em dança, espaço em movimento.

Essa pesquisa foca na tematização do labirinto a partir da literatura de Jorge Luis Borges; é uma espécie de desvio desde a bibliografia que vem sendo trabalhada no laboratório, e é resgate de alguém que já foi citado muito rapidamente no passado.

Borges é mencionado no livro *Estética da Ginga* (JACQUES, 2001); há um trecho do conto de 1941 *A Biblioteca De Babel*, citado como exemplo do labirinto absolutamente previsível de um arquiteto, como um exemplo frio de projetista e contrário à experiência labiríntica. Desde então, Borges é pouco ou quase nunca mencionado; apesar das suas cidades-criadas, seus labirintos fornecerem insumos interessantes para o campo da arquitetura e urbanismo, com reflexões por vezes bem próximas da investigação de Margareth da Silva PEREIRA (2000; 2004) sobre a herança do barroco na América e das investigações de Paola Berenstein JACQUES (2020) sobre a tensão entre as lacunas da memória e as infinitas camadas de reminiscências em uma cidade. Por isso, ultimamente tenho pensado esse trabalho como uma pequena contribuição para a atualização crítica da noção de labirinto utilizada pelo laboratório urbano ao longo desses 20 anos.

Jorge Luis Borges é um escritor argentino que nasceu em 1899 e morreu em 1986, sua obra é composta basicamente de contos, ensaios e poemas, textos curtos. Geralmente é lembrado por sua proximidade com a literatura britânica, mas a verdade é que caminhava com certa fluidez por geografias e cidades imaginadas formando várias laços e diálogos intelectuais com pensadores do presente e do passado de vários lugares do mundo, os laços que considero mais importantes para a pesquisa são aqueles entre Borges e artistas germânicos-boêmios-judeus, pelo contato formativo na década de 1910 com a obra de poetas próximos do expressionismo alemão, e outros não enquadráveis em rótulos como Gustav Meyrink, Franz Kafka, e Gershom Scholem.¹

A atenção dessa pesquisa se volta principalmente para a literatura de Jorge Luis Borges criada entre os anos de 1928 e 1952, desde o texto de 1928 “Sentir-se em morte” — sobre a experiência de se perceber na eternidade quando andava nos subúrbios de Buenos Aires — ao livro *Outras inquisições* (ensaios) de 1952. É um período crítico na vida de Borges, em que ele perde o pai, quase morre e sua visão se debilita gravemente. A literatura criada nesse intervalo é talvez a mais emblemática da sua obra; são dessa época, por exemplo, os contos dos livros *Ficcões* e *O Aleph*, muitas vezes construídos em diálogo com Franz Kafka. Jorge Luis Borges foi escolhido como ator principal nesse trabalho porque é ele quem dá nomes concretos a muito daquilo que em outras poéticas era sutil; seja por sua americanidade, seja por sua tentativa de não ser de lugar algum, ele é de certa forma um arqueólogo desse sentimento barroco do labirinto. *Labirinto*, palavra que Kafka usou pouquíssimo, e que Borges nomeou e tratou de abordar por todas as visadas imagináveis, como se estivesse procurando pela “*palavra barroca, inspirada por todas as palavras possíveis*” (GLISSANT, 2021, p. 104).

É um esforço para contribuir — mesmo que de forma muito pequena — com duas aberturas dentro do campo da arquitetura e do urbanismo:

- A primeira abertura, para a experiência da narração, escrita e criação de cidades e espaços-sonhados, algo próximo da ideia do *palimpsesto urbano*, das *miniaturas urbanas*, da *imagem-pensamento-cidade* e dos *corpos escritos*. — *Labirinto* como imagem da complexidade dessa criação, a crise entre cidade e o que cabe de cidade em um corpo ávido por transformar a experiência em palavra; o que cabe de cidade em um ensaio; *labirinto* como expressão das cidades que carregamos em nós, aprendemos de outros artistas e amalgamamos em sonhos para a criação do *novo*, em um horizonte de possibilidades infinitas de criação e aumento do mundo.

- A segunda frente de abertura é pensar esses labirintos como deformações imagéticas que tentam revelar, por meio de sua escrita, aspectos ocultos do que já são as cidades; O labirinto como *unheimlich*, algo infamiliar, a deformação da realidade vagamente parecida com algo que conhecemos e que acaba por revelar segredos sobre a sociedade que somos, algo que à primeira vista parece expressionista, mas que nasce de um sentimento de crise acerca da situação no mundo muito mais antigo, barroco quem sabe, adâmico quem sabe. Para isso, acho

que é importante perceber o exemplo de Walter Benjamin, que não se prende ao campo da literatura, constrói em diálogo com Baudelaire, Leskov, Kafka, reflexões sobre a cidade, pensa sobre a condição da experiência e da narração no mundo, pensa sobre a condição da linguagem humana, é um pouco o que anseio nesse trabalho, a criação literária como fonte principal de insumo para o pensamento urbano; pensamento de criação em diálogo.

NOTAS

1. Essa família intelectual também se conecta de certa forma a F. Schiller, J. W. Goethe, autores importantes para Borges e Kafka. E se conecta vagamente a F. Schelling, que pensou a noção de *Unheimliche* (inquietante, infamiliar) em diálogo com E. T. A. Hoffmann, noção escavada e pensada ainda mais profundamente por Sigmund Freud em 1919.

REFERÊNCIAS

GLISSANT, Édouard. *Poética da Relação*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

JACQUES, Paola Berenstein. *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

_____. *Fantasma modernos: montagem de uma outra herança*. v.1. Salvador: EDUFBA, 2020.

JANOUGH, Gustav. *Conversations with Kafka*. New Directions, 2012. [e-book]

PEREIRA, Margareth da Silva. *Corpos Escritos - Paisagem, memória e monumento: visões da identidade carioca. Arte & Ensaios n.7*. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/ Escola de Belas Artes, UFRJ, 2000. p. 98-113

_____. *Quadrados brancos: Le Corbusier e Lucio Costa*. In: *Lucio Costa: um modo de ser moderno*. São Paulo, Cosac & Naif, 2004. p. 220-245

ANOTAÇÕES



**SEMINÁRIO DE ARTICULAÇÃO
INTENSIVO/INTERNO
DO LABORATÓRIO URBANO**

de 25 a 29 de abril de 2022

PPGAU - FAUFBA

Salvador . Bahia . Brasil

laboratório urbano